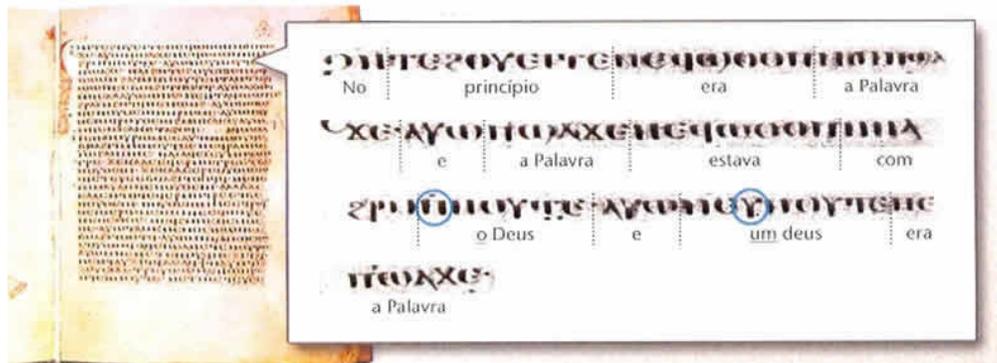


## O que dizer do exemplar copta de Jo.1.1?

Marcelo Berti

Uma das alegações comuns sobre a correta tradução de Jo.1.1c é a existência de uma versão copta do quarto século que traz a seguinte tradução: “e o verbo era **um** Deus”, modo como a *Tradução do Novo Mundo* (TNM) traduz o texto grego. O site [Mentes Bereanas](http://www.mentesbereanas.org) faz uma pequena apresentação dessa evidência e ainda apresenta o texto com indicativos de tradução:



Fonte: [www.mentesbereanas.org](http://www.mentesbereanas.org)

A tradução dessa antiga versão copta (saídico), segundo o site citado, traz claramente a distinção entre o artigo definido e o indefinido, o que altera radicalmente a visão da frase joanina em 1.1c. Não é à toa que Solomon Landers ao tratar do assunto chegou a dizer:

*“A significância disso [o exemplar copta] é fenomenal. Em primeiro lugar, por que as versões copta precedem a Tradução do Novo Mundo em quase 1700 anos e é parte do corpo das antigas testemunhas textuais do evangelho de João. Em segundo lugar, as versões copta foram produzida enquanto o grego koinê das escrituras gregas cristãs ainda era uma linguagem viva cujas pequenas nuances poderiam ser compreendidas pelos tradutores coptas, de modo que muitas palavras gregas foram deixadas sem tradução no texto copta. Em terceiro lugar, as versões copta não demonstram a influência de interpretações posteriores da Cristologia criada pelos concílios da igreja do quarto e quinto século da Era Comum”* (LANDERS, Solomon, [The coptic evidence](#). Material não publicado, 2006, p.1).

Landers tem razão quando diz que a versão copta precede a TNM em muito tempo e que é uma ótima testemunha textual de João. Ele também está correto que afirmar que essa versão é contemporânea do grego koine utilizado no texto do novo testamento. E possivelmente também está certo em supor que a tradução está isenta de interpretações cristológicas (ortodoxa) do quarto e quinto século. Entretanto, isso não significa que seja uma tradução isenta de qualquer influência teológica.

O que se pode dizer com certeza é que a versão copta saídica tem grande valor para a crítica textual e deve ser considerada com critério. Por isso, vamos observar com cautela as evidências que dispomos sobre essa tradução.

### 1. O que dizer do idioma copta?

O idioma copta é normalmente reconhecido por quatro dialetos: Boárico, Fauímico, Saídico e Ajmínico. É bem verdade que essa definição é bem genérica, e alguns especialistas consideram cerca de meia dúzia de dialetos, acrescendo à essa lista os dialetos Menfítico, Subajmínico (METZGER, Bruce, *The Text of the New Testament*. Oxford, 1992. pp.79). É bem provável, entretanto, que os dois últimos sejam considerados como dialetos resultantes dos anteriores, onde o Menfítico é fruto de um avanço lingüístico do dialeto Boárico e o Subajmínico do Ajmínico. Deve ser por isso que Tisdall considera um equívoco denominar o dialeto Boárico de Menfítico (TIDALL, Clair, *Intenacional Standard Bible Enciclopédia*). De qualquer forma, entre todos esses os mais importantes em nossa consideração aqui são o Boárico e o Saídico, em função de que são os dois dialetos que deixaram significativas marcas na história manuscrita do Novo Testamento.

O dialeto Boárico, que é típico da região Sul do Egito, foi o dialeto utilizado em serviços eclesiásticos na igreja copta. É reconhecido entre os linguistas que esse idioma tem traços de influência do grego koinê. Esse idioma foi encontrado no Norte do Egito, particularmente na província de Bohairah, ao sudesde de Alexandria e nos monastérios do Deserto de Nitria.

O dialeto Saídico, que eventualmente é chamado de Tebaítico, é típico da região Norte do Egito, inclusive na região do Cairo. É o idioma que mais tem representações manuscritas das escrituras e as mais antigas.

Um detalhe importante, é que a versão copta saídica foi a primeira versão do Novo Testamento a usar artigos indefinidos, o que não aconteceu com as versões latinas ou sírias, como o site Mentees Bereanas afirma. J. Warren Wells, que é o responsável pelo projeto [sahidica.org](http://sahidica.org) e autor de diversos artigos sobre a versão copta saídica, em seu artigo [Cristology in the Coptic Versions of Jonh](#), sobre o uso do artigo indefinido, diz: “*Isso é interessante por que, nas versões coptas, Jo.1.1b é comumente traduzido como ‘e o verbo estava com Deus e o verbo era um deus’ usando o artigo indefinido, mas com algumas variações de ordem*”.

É por essa razão que alguns defensores da leitura da TNM têm usado esse exemplar como defesa da inserção do artigo indefinido em referência ao Verbo com um deus, uma vez que a primeira versão do texto grego que foi traduzido para um idioma que usava artigos indefinidos, ele foi inserido. Soma-se se a isso, o fato de que tal idioma era similar ao grego koinê e a tradução foi performada quando o grego koinê ainda era falado.

Tendo considerado isso, vamos conhecer um pouco mais sobre as antigas versões do antigo testamento para vermos se de fato essa conclusão é plausível.

## 2. O que dizer das antigas versões do Novo Testamento?

Toda evidência textual histórica encontrada é analisada e classificada em antiguidade, qualidade e tipo-texto. A antiguidade de um documento é analisada por diferentes métodos de datação associados ao estudo paleográfico do documento. A qualidade é avaliada por vários quesitos, incluindo o tamanho do documento encontrado, a quantidade de fragmentação, sua relação com os textos-família de outras regiões. Além disso, também considera-se, ao encontrar-se códices, que livros fazem parte do documento encontrado, pois a partir disso podemos levantar possibilidades sobre que tipo de evidência é essa encontrada. O tipo-texto é a característica geral de leitura do texto de acordo com a região em que normalmente é encontrada. Fruto de muitos debates e contraversões, o método genealógico consiste, nas palavras de Westcott e Hort:

*“O acurado método de Genealogia consiste ... na recuperação mais ou menos completa dos textos de ancestrais sucessivos, pela análise e comparação dos textos variantes dos seus descendentes respectivos, cada texto ancestral assim recuperado sendo por sua vez usado, em conjunção com outros textos similares, para a recuperação do texto de um ancestral comum e ainda mais antigo”* (WESTCOTT, Brooke Foss, HORT, Fenton Jonh Anthony, *The New Testament in the original greek*. Macmillian, 1881. pp.73).

Por último, as evidências textuais também sofrem uma análise de caráter teológico, pois, diferente do que Landers parece supor, todas as versões representam algum distintivo teológico. Até por que, supõe-se com razão que as versões em outros idiomas foram feitas para suprir a lacuna de informação apostólica para uma região onde o idioma original não poderia ser lido com facilidade. Possivelmente, missionários realizavam preocupados com o desenvolvimento e propagação da fé.

Além disso, devemos lembrar que existem limitações nos benefícios de uma versão antiga do Novo Testamento. Observe o que Bruce Metzger afirma sobre o assunto:

*“É necessário ser observado que existem certas limitações no uso de versões para o criticismo textual do Novo Testamento. Não apenas algumas traduções foram preparadas por pessoas que tinham um imperfeito conhecimento do Grego, como alguns aspectos sintáticos da sintaxe e vocabulário não podem ser convertidos em uma tradução. Por exemplo, o Latim não tem artigo definido; o Siríaco não distingue entre o aoristo e o*

*perfeito grego; e o Copta é faltoso com a voz passiva e deve usar o circumlocution” (METZGER, Bruce, The Text of the New Testament. Oxford, 1992. pp.68).*

Tendo considerado isso, vamos analisar a versão copta saídica do ponto de vista da antiguidade em comparação com outras versões para então procedermos para a tradução de João 1.1c do documento. Para os interessados em analisar o documento do ponto de vista qualitativo e tipo-textual, consultar: METZGER, Bruce, *The text of the new testament*. Oxford, 1992. pp. 67-85; ALAND, Barbara , Kurt, *The text of the new testament*. Eerdermnas, 1995. pp.185-214; LIGHTFOOT, Neil R, *Comprendamos como se formo la Bíblia*. Mundo Hispano, 2003. pp.74-84; PAROSCHI, Wilson, *Crítica textual do novo testamento*. Vida Nova, 2008. pp. 58-66. Para uma visão mais detalhada ver: METZGER, Bruce, *The early versions of the new testament*. Oxford, 1977.

## **A. As versões Coptas**

A tradição copta hoje tem versões completas do Novo Testamento, incluindo versões críticas. Na internet, por exemplo, você pode ter acesso ao [Novo Testamento Egípcio no dialeto Saídico](#) (*segundo o texto grego egípcio*) disponível para consulta em todos os livros e inclusive acesso a um dicionário para auxílio em pesquisas.

Mas, nem sempre foi assim. O processo de produção de manuscritos do Novo Testamento em copta parece ter iniciado por volta do fim terceiro início do quarto século da Era Cristã (ALAND, *TTNT*, pp.200). Entretanto, Metzger afirma que essa produção no dialeto saídico iniciou por volta do início do terceiro século de tal forma que, com o passar do tempo todos os livros do Novo Testamento foram traduzidos para esse dialeto (METZGER, *TTNT*, pp.68). Paroschi afirma que cerca de um século depois as produções no dialeto Boárico também iniciaram no Baixo Egito (PAROSCHI, *CTNT*. pp.66).

Ou seja, os dialetos boárico e saídico representam manuscritos neotestamentários bem antigos. Isso indica que, do ponto de vista da crítica textual, são documentos de grande valor e úteis para se compreender como a tradição manuscrita do NT se comportou na história. Já do ponto de vista da bibliologia é fantástico, pois supõe-se que um corpo neotestamentário estivesse pronto bem cedo já nas regiões do norte do Egito.

A versão copta saídica, em particular, é provavelmente a versão mais antiga e tem grande valor para a crítica textual. A datação no terceiro século é validada pela existência de uma cópia de 1 Pedro datada do fim desse século. Um dos detalhes interessantes sobre essa versão é que, ao contrário da versão bohárica, ela não apresenta tantas evidências de uma revisão progressiva. É verdade que os documento não são sempre concordantes (*como acontece com outras versões*), mas há maior credibilidade nessa versão pelo fato de não ter grandes evidências de correção durante a história da manutenção desse texto.

No que se refere a tipo texto, é normalmente declarado que nos evangelhos a versão saídica é Alexandrina, com algumas evidências de leituras ocidentais especialmente no evangelho de João, o que não é incomum em manuscritos dessa natureza. Em Atos é majoritariamente Alexandrino, com poucas evidências de influência Ocidental, como também parece acontecer nas epístolas católicas. Apenas nas cartas paulinas é que uma situação deferente é encontrada, pois apesar de aparentemente ser Alexandrino, tem um tom Ocidental. É normalmente associado com o Códice Vaticano e com o Papiro 75.

-----  
Para mais informações sobre as versões coptas, ver: HORNER, George Willian, *The Coptic Version of the New Testament in Southern dialect, otherwise called Sahidic and Thebaic*. Vol.3. Oxford, 1911. MEZGER, Bruce, *The early versions of the New Testament*, Oxford, 1977, pp. 99-151.  
-----

Entretanto, não podemos deixar de evidenciar que as versões coptas não são as únicas testemunhas textuais do cristianismo primitivo. Embora sejam excelentes fonte para o estudo crítico do Novo Testamento, temos que levar em consideração também as versões Sírias e Latinas, pois também são conhecidas em sua antiguidade e podem elucidar o cenário de produção textual em outros idiomas ao redor do mundo antigo.

## B. Versões Sírias:

As versões coptas mais antigas são precedidas pelas versões Sírias, que alguns teólogos ousam datar entre 160-180 d.C (cf. T. Nicol, *Internacional Standard Bible Enciclopedia*). Tal alusão não vem desprovida de evidência: Na obra mais importante de Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*, ele cita um fato referente a Hegésipo que “*declara alguns particulares do evangelho dos hebreus e do siríaco e, em especial, da língua hebraica*” (CESARÉIA, Eusébio, *História Eclesiástica*. CPAD, 1999. Vol IV, xxii. Pp. XX). Se essa citação reflete a existência de um corpo de evangelho em Siríaco, temos a evidência que aponta para a mais antiga versão síria de que se tem conhecimento.

O que de fato é certo, entretanto, é que essa alusão é frágil demais para se ter uma conclusão definitiva. Contudo, essa não é a única evidência que suporta uma data ainda bem antiga para as versões sírias: Existem ainda dois textos siríacos que marcam sua antiguidade por não serem representantes da tradição síria posterior as edições latinas de Jerônimo:

- (1) Síria Curetoniana: Esse exemplar siríaco consiste em fragmentos dos evangelhos encontrados em 1842 na região do Deserto de Nitria no Egito. Embora o material do documento seja datado no quarto século, muitos acadêmicos estão certos que a leitura do texto (*vorlagën*<sup>1</sup>) seja do **segundo século** (cf. METZGER, Bruce, *TTNE*. Pp.69)
- (2) Síria Sinaítica: Esse é o exemplar mais interessante de todos, pois além conter os evangelhos quase que completamente, foi analisado cuidadosamente e datado no **segundo século**. Ou seja, esse exemplar representa a mais antiga versão síria encontrada. Entretanto, do ponto de vista da leitura do texto, pode-se dizer que trata-se de um exemplar resultado de uma recensão.

Quando colocamos as versões sírias<sup>2</sup> em comparação com as versões coptas podemos com certeza afirmar a tradição manuscrita avança rápido pelo mundo antigo e conforme o alcance da fé cristã propagava-se as versões a acompanhavam.

-----  
Para mais informações sobre as versões Sírias, ver: LEWIS, Agnes Smith, *A translation of the four gospels from de siriac of the sinaitic palimpsest*. Macmillan, 1894; MEZGER, Bruce, *The early versions of the New Testament*, Oxford, 1977, pp. 3-97.  
-----

Isso nos ajuda a compreender que a antiguidade por si só não é sinal de evidência final para determinada leitura de um texto, quanto menos de uma tradução. O objetivo de levantar versões antigas em outros idiomas é que nos auxilia a perceber um mundo um pouco maior no que refere-se a tradição manuscrita, o que Landers não mencionou em seu artigo, e os escritores do site Mentis Bereanas fizeram com desprezo.

## C. Versões Latinas:

As questões relacionadas a quando e onde as traduções latinas iniciaram a ser feitas é sempre bem debatido, entretanto, parece consenso que já no segundo quarto do segundo século na região de Cartago as primeiras traduções em latim<sup>3</sup> já estivessem prontas (PAROSCHI, *CTNT*. pp.62).

<sup>1</sup> Uma das distinções interessantes que devem ser feitas pelos críticos textuais é que a idade do documento não representa necessariamente a idade do texto do documento. Um manuscrito latino do oitavo século pode conter um texto do segundo século. É por essa razão que supõe-se que os exemplares coptas são anteriores à data do documento que representam. O termo técnico para representar essa idéia é a palavra germânica *vorlagën*, que não se encontrou como traduzir adequadamente, nem para o inglês ou português e normalmente é citada em alemão mesmo.

<sup>2</sup> Também é importante que se diga que, embora a versão síria sinaítica seja corrompida nos primeiros 24 versos do evangelho de João (LEWIS, Agnes Smith, *A translation of the four gospels from de siriac of the sinaitic palimpsest*. Macmillan, 1894), entretanto a tradição síria que contém o primeiro verso parece ser fiel a tradição manuscrita grega.

A essas versões anteriores a Vulgata de Jerônimo (383-405), os críticos têm atribuído o nome de *Antiga Latina*. Um dado interessante sobre as versões da Antiga Latina é os manuscritos que sobreviveram ao tempo, apesar de estarem fragmentados, são encontrados em duas tradições principais, a Africana e a Européia. Os fragmentos sobreviventes são datados desde o quarto século até o décimo terceiro século, o que evidencia que ela ainda era copiada mesmo quando havia deixado de ser usada de modo geral (METZGER, *TTNT*. pp.72).

Quatro documentos latinos merecem nossa atenção quando falamos sobre datação:

- (1) O Códice Palatino: Esse exemplar é interessantíssimo, pois é escrito em letras prateadas em um pergaminho púrpuro, o que demonstra o valor atribuído ao documento em sua fabricação, considerando que tal empreendimento deveria ser caríssimo. Ele é normalmente datado no quinto século e representa a tradição africana, muito embora se suponha que posterior ele tenha sido alterado para ser compatível com a tradição européia. Entretanto, o mais fascinante sobre esse texto, é que ele é similar ao que Agostinho faz uso antes de 400 d.C.
- (2) O Códice Veronese: Esse é um daqueles documento que nos brindam com um excelente visual. Escrito em um papiro púrpura onde as letras são ora prateadas, ora dourada. Esse códice contém os quatro evangelhos, e segundo especialistas (cf. Francis Burckit; IN: PAROSCHI, *CTNT*. Pp.63) representa o tipo texto usado por Jerônimo na produção da Vulgata. Ele é normalmente datado no quinto século.
- (3) O Códice Vercelence: Representante da tradição Européia, e mantido na sala de tesouro em Vercelli no norte da Itália, é normalmente atribuído a Eusébio, bispo de Vercelli. Segundo a tradição, ele mesmo teria copiado a mão esse documento e por isso é datado antes de 370 d.C., quando Eusébio foi morto. E, provavelmente o mais antigo manuscrito latino da tradição européia.
- (4) O Códice Bobiense: é normalmente considerado a testemunha sobrevivente mais importante da tradição da Antiga Latina. O documento é bem fragmentado e contém apenas alguns trechos de Mateus e Marcos. Entretanto, a forma do texto encontrado nesse documento é muito aproximada da citações latinas feitas por Cipriano (250 d.C.). Falando sobre a vorlagen do documento, E.A. Lowe apresenta marcas paleotográficas de que o texto representa uma leitura do segundo século (IN: METZGER, *TTNT*. pp.73).

A existência de manuscritos da tradição da Antiga Latina não se resume a esses, mas são esses os considerados relevantes para nossa abordagem aqui. Sobre a existência de manuscritos antigos representantes da tradição da Antiga Latina, no *The Greek New Testament*, editado por Nestle-Aland apresenta mais de cinquenta manuscritos, mas temos certeza de que isso representa apenas uma pequena porção do número original. Tanto Metzger, Aland e Paroschi citam Jerônimo como evidencia desse fato, pois, segundo Jerônimo existiam tantas versões quanto eram os códices. Razão que o levou a fazer sua edição do texto latino conhecido como Vulgata.

É por isso que a mais importante fonte de leituras latinas do texto do Novo Testamento no segundo e terceiro século são os Pais da Igreja. Sobre o assunto, o casal Aland diz:

*“Os mais antigos textos latinos são encontrados nas numerosas citações de Tertuliano do Novo Testamento. Nós não sabemos exatamente quando ele começou a escrever, mas é bem provável que tenha acontecido por volta de 195 d.C.”* (ALAND, *TTNT*. pp.186).

Por essa razão, vamos observar com mais atenção como os pais latinos do Igreja usaram o texto de Jo.1.1, que versão dispunham, como traduziram e como interpretaram.

---

<sup>3</sup> Ao tratar do assunto, o casal Aland nos lembra que o próprio Agostinho teria dito que qualquer um que obtivesse um manuscrito grego iria traduzi-lo para o latim, não importando o quanto ele conhecia de ambos os idiomas (Aland, *TTNT*. pp.187). Isso nos ajuda a considerar que o processo de tradução nem sempre era acompanhado de um processo de competência, mas de necessidade.

## 2. Como os Pais da Igreja de tradição latina citam e interpretam Jo.1.1?

Na introdução do *The New Testament in the original greek* de Westcott e Hort, Philip Schaff nos lembra que além de Tertulino, podem servir como fonte para a Antiga Latina os seguintes Pais da Igreja: Cipriano, Lúclifer de Cagliari, Hilário de Poitiers, Ambrosiaster, Ambrósio, Vitorino, Jerônimo, Rufino, Agostinho e Pelágio. (SCHAFF, Philip, *Introduction to the New Testament in the Original Greek*. Pp. xl).

Muitos são os Pais da Igreja de grafia latina que citam Jo.1.1, mas em nosso estudo vamos considerar apenas alguns dos que citam o texto até o quarto século, em função de comparação com o exemplar copta em questão (para uma lista completa dos autores latinos em citação de Jo.1.1, ver o artigo: *Como os pais da Igreja citaram Jo.1.1?*. Para as opiniões de Agostinho, ver o artigo: *Como Agostinho lia e interpretava Jo.1.1?*).

### A. Tertuliano:

A leitura de pais da igreja de tradição latina é fundamental, pois além de descobriremos que leituras dispunham, ou como traduziam o texto, eles também deixam suas impressões sobre a verdade exposta nos textos.

Tertuliano nasceu em Cartago (norte do Egito) por volta de 150 e 155 d.C., estudou Direito e exerceu a profissão em Roma. Tinha o domínio da língua grega e possuía grande erudição em filosofia e história. Entre os anos 190 e 195 d.C. converteu-se ao cristianismo provavelmente em Roma, e passou a dedicar-se ao estudo da literatura cristã. Pouco tempo depois voltou a Cartago, onde foi ordenado presbítero e lá viveu até a sua morte que ocorreu entre os anos 222 e 225 d.C. Entre vários outros acontecimentos em sua vida, merece destaque que ao fim de sua vida Tertuliano teria se simpatizado com o *Montanismo*, por seu zelo ascético.

Sobre Tertuliano, uma informação inicial é importante: Ele provavelmente traduziu todas as suas citações do grego para o latim, idioma que também tem a peculiaridade da falta de artigo indefinido. Entretanto, é digno de nota que, em nenhum comentário Tertuliano teria considerado Jesus Cristo como um deus à parte do Deus Pai, muito pelo contrário, ele é um grande defensor do inverso. Ou seja, embora o idioma não tivesse artigo indefinido, ele poderia compreender uma sentença com esse sentido em ambos os idiomas. Mas, esse fato nunca ocorreu com Jo.1.1.

Tertuliano cita e interpreta Jo.1.1 sob basicamente dois pontos de vista: da Criação e da Declaração da Divindade de Cristo. Quando fala da Criação, é comum Tertuliano levantar uma identidade de Cristo com o Deus, o Pai. No capítulo 20 de sua obra contra Hegémones, Tertuliano trata de demonstrar como o Pai é o responsável pela criação, em referência ao texto de Genesis 1.1. E quanto a isso, ele não tem dúvidas.

Entretanto, ele reconhece que essas não são as únicas informações que dispõe para falar sobre o assunto, e afirma: “*Concluindo, eu vou aplicar o Evangelho como um testemunho complementar ao Antigo Testamento*”<sup>4</sup>. Nessa ocasião, Tertuliano cita Jo.1.1-2, nas seguintes palavras: “*‘No princípio era o Verbo’ – isto é, no mesmo início, claro, em que Deus fez os céus e a terra – ‘e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez’*”.

A nota que Tertuliano faz ao texto é uma clara demonstração da sua visão da Identidade do Filho com o Pai. É válido acrescentar que um falante de grego koine em tradução para o latim, não pode ler ou interpretar o texto como a suposta leitura do exemplar copta.

Contra Práxeas, Tertuliano também apresenta sua visão de Identidade do Filho com o Pai. No capítulo 27 de sua obra intitulada *Contra Práxeas*, Tertuliano estende sua visão ao apresentar não apenas a estreita ligação entre o Pai e o Filho, mas também demonstra sua pré-existência:

*“no preâmbulo de João em seu Evangelho, ele nos demonstra o que Ele existia antes de ser feito carne: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’ Ele estava no princípio com Deus ‘e todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada do que foi feito se fez’. Agora, como essas palavras não*

<sup>4</sup> Vale ressaltar que todas as ênfases são do autor do artigo, salvo indicação.

*podem ser tomadas de outra forma além da que foram escritas, foi demonstrado, sem dúvidas, que existe Um que existe desde o princípio, e Um com quem Ele estava: um é o Verbo de Deus, o outro Deus e o Verbo também é Deus, mas Deus como o Filho e não como o Pai”*

Essa conexão que Tertuliano faz entre Deus, o Pai e Jesus, o Deus Filho é, segundo ele, bem apresentada nas escrituras e não deveriam ser entendidas de outra forma. Deve ser por isso, que em sua obra *Ressurreição da Carne*, no capítulo 6, essa identidade é levada a uma compreensão bem interessante de Gênesis 1: “*Por que o Pai disse anteriormente ao Filho: Façamos o homem em nossa própria Imagem, e em nossa Semelhança*”. Para Tertuliano, a relação de igualdade entre o Filho e o Pai era tão acertada que entende que o plural encontrado no verbo “fazer” em Gênesis, expressa um diálogo entre os dois. Novamente, para defender sua opinião ele cita Jo.1.1 como defesa dessa identidade e acresce um verso também interessante: “*E o Verbo também era Deus sendo também a imagem de Deus ‘não julgou como roubo o ser igual a Deus’*”.

Essa conexão entre Jo.1.1 e Fp.2.6 é bem interessante, pois para Tertuliano, a expressão “τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ” (*o ser igual a Deus*) era identificada com “καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος” (*e o verbo era Deus*). Conexão que fez em outras ocasiões. Contra Práxeas, no capítulo 7 ele diz:

“*O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’. Também está escrito: ‘Não tome o nome de Deus em vão’. O que é certo é que ele é quem ‘sendo forma de Deus, não julgou roubo o ser igual com Deus’*”

Entretanto, Tertuliano apresenta outras conexões textuais quando fala da Divindade de Cristo. Para ele é claro que Jo.1.1 fala claramente sobre o assunto, mas ele também evidencia que isto está em acordo com as Escrituras. No capítulo 13 de sua obra *Contra Práxeas*, ao comentar sobre a Trindade diz:

*“Isto é um uma grande declaração, que você irá encontrar expressamente no Evangelho: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’. Havia Um ‘que era’ e outro com quem ‘estava’ e era. Mas, eu encontro nas Escrituras o nome SENHOR [Κύριος] também aplicado a ambos: ‘O Senhor disse ao meu Senhor assenta-te à minha direita’”*

Aqui Tertuliano faz a aplicação do Sl.109.1 à pessoa de Cristo, tal como o próprio Cristo teria feito segundo o relato dos evangelhos sinóticos (Mt.22.44; Mc.12.36; Lc.20.42) ou mesmo Pedro teria feito em sua primeira pregação em Atos (At.2.34). Ou seja, Tertuliano não está inovando, ele está seguindo aquilo que as escrituras o haviam ensinado. Só existe uma forma para se compreender como o Filho de Davi, o Cristo, poderia ser Senhor de Davi: Sendo Ele mesmo Deus. Assim, é claro para Tertuliano que existia o Deus Pai e o Deus Filho. Mas, será que Tertuliano entendia isso como existindo dois deuses? É evidente que não. Observe sua declaração no capítulo 12 de sua obra *Contra Práxeas*:

*“Agora, se Ele [o Verbo] também é Deus, de acordo com João que diz: ‘e o verbo era Deus’ então você tem dois Seres – Um que comanda às coisas à existência, e Outro que executa a ordem e cria. Nesse sentido, entretanto, você deveria entendê-lo como sendo outro no sentido de Personalidade, não em substância- em distinção não em divisão, como já expliquei.”*

Há ainda mais uma ocasião em que Tertuliano cita Jo.1.1 que merece nossa atenção. No capítulo 27 da obra *Contra Práxeas*, Tertuliano faz uma declaração sobre a Cristologia que viria a ser definida dois séculos mais tarde em Constantinopla. Nessa declaração ele afirma a *União Hipostática* da Pessoa de Cristo, observe:

*“Nem a carne tornou-se espírito, nem o espírito tornou-se carne. Em uma pessoa não existe dúvidas de que é possível coexistirem. Assim, Jesus consiste – Homem no que se refere a carne; e no que se refere ao Espírito, Deus – e o anjo o designa como ‘Filho de Deus’ em respeito à sua natureza, que era em Espírito, reservando para a carne a afirmação ‘Filho do Homem’. De igual modo, o apóstolo o chama de ‘Mediador entre Deus e os Homens’ e afirma sua participação em ambas as substâncias. Agora, para encerrar o assunto, você que acredita que o Filho de Deus é carne, nos demonstre o que Filho do Homem significa? Será ele então, quero saber, o Espírito? Mas você insiste que o Pai mesmo é o Espírito, no que se refere a ‘Deus é Espírito’, como se nós não lêssemos que existe um ‘Espírito de Deus’. Do mesmo modo como encontramos ‘e o Verbo era Deus’ também encontramos o Verbo de Deus”*

Na visão de Tertuliano fica evidente que texto lia: “**e o Verbo era Deus**”. Como poderia um leitor de grego e latim, em tradução e comentários, não considerar outra possibilidade para o texto? Talvez por que não houvesse outra possibilidade.

Vale a pena dizer, que para Tertuliano, Práxeas era alguém desprovido da verdade e que merecia ser respondido com a verdade das Escrituras. Entretanto, nem Práxeas parece usar Jo.1.1 para defender suas opiniões sobre Cristo. É válido dizer que a interpretação (*não tradução*) de que o Jo.1.1 fala de um outro deus seria primordial para Práxeas defender suas opiniões, mas o fato de que não o faz, sugere que nem mesmo ele poderia traduzir, ou até mesmo interpretar, o texto dessa maneira.

Como poderiam dois leitores do grego koinê, de posições antagônicas, não entenderem que a sentença exigia uma indefinição em relação a Deus em Jo.1.1? Simples, por que a sentença não tinha esse sentido, nem no grego que liam, nem no latim que escreviam, nem na forma como entendiam o texto, ou na forma como o explicavam.

### **B. Vitorino:**

Vitorino nasceu provavelmente na Grécia (*há quem defenda Pettau*) em 270 e foi martirizado no período de Diocleciano em 303. Ele foi bispo da cidade de Pettau e por isso é eventualmente reconhecido como Vitorino de Pettau. Em função do seu caráter militar, Vitorino falava grego melhor que latim, mas foi o primeiro Pai da Igreja a realizar exegese no latim. Jerônimo nos diz que Vitorino teria escrito vários comentários bíblico além de livros contra as heresias do seu tempo. Entretanto, todos os seus materiais foram perdidos na história da Igreja e sobreviveram apenas partes das obras sobre Gênesis e Apocalipse.

Interessantemente, Vitorino faz uma citação de Jo.1.1 em cada documento. No documento reconhecido como “*Sobre a Criação do Mundo*” Vitorino diz:

*“Mas, o autor de toda a criação é Jesus. Seu nome é o Verbo (...) João, o evangelista diz: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’”*

No oitavo capítulo do quarto livro da obra “*Comentário sobre Apocalipse*” Vitorino faz uma comparação entre os inícios dos evangelhos e apresenta uma figura que poderia representar cada um deles. Quando fala sobre o quarto evangelho ele diz: “*Mas, João, que ele inicia, diz: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’”*”.

Em Vitorino não vemos nenhum comentário elucidativo sobre as implicações desse texto, exceto que chama o Verbo de “*nosso Senhor Jesus Cristo*” como indicativo de sua divindade. O que se ressalta com Vitorino é que, do que restou do seu material, temos a impressão de que sua leitura e interpretação segue a tradição ortodoxa latina.

### **C. Hilário de Poitiers:**

Hilário nasceu no fim do terceiro século em uma família pagã e foi educado em filosofia e retórica. Três anos após sua conversão foi eleito bispo da cidade de Poitiers pelo povo da cidade, mesmo sendo casado. Hilário foi chamado de Doutor da Igreja em função de sua luta contra o Arianismo, e por isso foi também chamado de “*malleus arianoru*” (martelo contra os arianos) e de Atanásio do Oeste.

Dos Pais da Igreja anteriores ao quarto século, Hilário é sem sombra de dúvidas o que mais citou ou aludiu o texto de Jo.1.1: Ele o faz ao menos onze vezes. Suas citações acontecem em duas de suas obras: *Sobre os Concílios* na qual apresenta um aparato histórico da confissão da Igreja Ocidental com suas opiniões pessoais e *Sobre a Trindade* que defende a fé trinitária dos ataques arianos.

### **Sobre os Concílios**

No décimo capítulo da obra “*Sobre os Concílios*”, Hilário cita uma definição cristológica da Igreja:

*“E se alguém admite que Deus tornou-se Pai do Filho Unigênito em algum ponto do tempo e não que o Filho Unigênito veio à existência antes de todas as eras e além de toda capacidade de cálculo humano; por contrapor-se ao ensino do Evangelho que exclui qualquer intervalo de tempo entre o ser do Pai e do Filho e fielmente nos instrui que ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’ seja considerado anátema”*

A citação desse conceito cristológico nos diz muito sobre a posição teológica da região da Gália no fim do terceiro século e início do quarto. É bem verdade que o progresso da compreensão da Trindade desde os apóstolos cresceu vertiginosamente após Tertuliano no fim do segundo início do terceiro, mas o conceito Cristológico encontrado aqui é deveras rico.

Essa declaração é forte e clara e diz respeito aos que tentam inserir o Filho no Tempo, ou àqueles que ainda que não saibam como ou quando tentam afirmar que o Filho faria parte da criação de Deus. Segundo essa afirmação conciliar, tal afirmação contradiz o Evangelho e deve ser considerada anátema.

Ou seja, Jo.1.1 é utilizado para demonstrar que a frase “*No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus*” é evidência de que não existe tempo em que o Verbo não existia, que jamais existiu intervalo de tempo entre o Pai e o Filho. Logo, afirmar que o Verbo teria sido criado era uma perversão da verdade, anátema, maldição.

Em seu comentário à essa leitura conciliar, falando sobre o Filho Hilário diz:

*“Ele não delimitado pelo tempo, por que o eterno e infinito Deus não pode ser entendido como se torna-se Pai no tempo, e de acordo com o ensino do evangelho o Deus Unigênito, o Verbo é reconhecido ainda no princípio com Deus antes de ser nascido”*(v.24)

Pouco à frente, Hilário demonstra que sua compreensão do Verbo como Deus é inegociável, pois é sustentada pelas escrituras:

*“Ele [Senhor Jesus Cristo], Seu Filho Unigênito, Deus acima de todas as coisas, gerado do Pai, Deus de Deus, todo Deus do todo Deus, único do único, perfeito Deus do perfeito Deus, Rei do Rei, Senhor do Senhor, o Verbo, a Sabedoria, a Vida, a Verdadeira Luz, o Verdadeiro Caminho, a Ressurreição, o Pastor, a Porta, incapaz de mudar ou alterar, a não variável imagem da essência, poder e glória do Deus Pai, o Primogênito de toda a Criação, que estava no princípio com Deus, o Verbo de Deus, de acordo com o que é dito no evangelho ‘e o Verbo era Deus’ por meio de quem todas as coisas vieram a existir, em quem todas as coisas subsistem”*(cap.XII,12; cf. XXVII, 70)

Hipólito nessa sentença demonstra suas credenciais ortodoxas de tal modo que não ousa apresentar Jesus Cristo como à parte de Deus, verdade anuncia desde os apóstolos. E, de modo bem interessante ele fundamenta sua opinião em Jo.1.1, que os arianos modernos insistem em afirmar uma leitura contrária à aquela estabelecida pelo autor. Hipólito está em acordo como os outros Pais de tradição latina de que o ensino apostólico é assim anunciado e deveria ser assim compreendido.

## **Sobre a Trindade**

Uma das características interessantes de Hilário era seu apreço pelas Escrituras, no início de sua Obra intitulada “*Sobre a Trindade*” ele diz: “*Eu mantenho uma firme convicção e devota lealdade à verdade concernente a Deus*” (Livro 1, 10). A sua preocupação, como a dos ortodoxos, era defender o que as escrituras ensinavam, especialmente no que fosse referente a Deus. Por essa razão, Hilário demonstrava seu apreço ao Velho e Novo Testamento, como sendo a expressão verbal de Deus. E sobre isso e em referência à Pessoa de Cristo, Hilário diz pouco à frente: “*Em adição ao conhecimento e dos ensinamentos da Lei e dos Profetas, aprende-se as verdades ensinadas pelo Apóstolo no evangelho: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele mesmo estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio Dele e sem Ele nada foi feito’*”.

Não diferente de outros Pais da Igreja, Hilário também comenta sobre a questão da criação. No quarto livro dessa obra, Hilário descreve a criação e demonstra que Cristo é o instrumento de Deus para a Criação:

*“Por que todas as coisas, diz o Profeta, vieram a existência do nada; não foi uma transformação de coisas existentes, mas a criação em uma perfeita forma a partir do não-existente. Por meio de quem? Ouça o Evangelista: todas as coisas foram feitas por meio Dele. Se você pergunta QUEM é esse, o mesmo evangelista poderá te dizer: ‘No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus e todas as coisas foram feitas por meio Dele’” (Livro 4, 16)*

Como exegeta, Hilário além de apresentar suas idéias, ele também se esmera por demonstrar a correta compreensão do texto que está a ler. Considerando isso, veja como responde a uma suposta leitura de Jo.1.1:

*“Mesmo o seu ouvido sem prática falha em compreender a primeira clausula ‘No princípio era o Verbo’, por que sofrer com a próxima: ‘e o Verbo estava com Deus’? Foi isso que você ouviu ‘e o Verbo estava em Deus’ – uma afirmação de uma profunda filosofia? Ou será que o seu dialeto provincial não consegue distinguir entre ‘em’ e ‘com’? A leitura certa é que Aquele que estava no princípio estava com, não estava no, Outro. Mas, não vou discutir do início da sentença, pois a seqüência pode cuidar disso sozinha. Ouça agora o status e o nome do Verbo: ‘e o Verbo era Deus’. Sua acusação de que o Verbo é o som de uma voz, a profundidade de um raciocínio cai por terra. Pois o Verbo é Real, não um som, um Ser, não uma fala, Deus, não uma entidade sem importância” (Livro 2, 15)*

Falando um pouco mais sobre a sentença “estava no princípio com Deus”, Hilário acresce:

*“Ele continua: ‘Ele estava no princípio com Deus’. O fato de que Ele estava no princípio remove os limites do tempo e a palavra ‘Deus’ demonstra que ele é mais que uma voz. Que Ele estava com Deus prova que ele não ultrapassa nem é ultrapassado, pois sua identidade não é engolida pelo Outro, e Ele é claramente apresentado como presente com o Único não gerado Deus, como Deus, o único Unigênito de Deus” (Livro 2, 16)*

Para Hilário o conceito auferido pelo verbo no passado na primeira sentença de Jo.1.1 também é sem definição temporal. Aliás, ele entende que o Filho é Filho desde sempre, e o raciocínio para isso é simples:

*“Uma vez que o Filho é o Verbo, e o verbo foi feito carne, era Deus e estava no princípio com Deus, então o Verbo era Filho desde antes da fundação do mundo” (Livro 3, 16)*

Mas, a mais interessante citação de Hilário é encontrada no Livro 7, capítulo 11. Nessa citação ele praticamente responde uma das afirmações arianas modernas sobre Cristo. Observe:

*“Quando eu escuto as palavras ‘e o Verbo era Deus’ elas não meramente me contam que o Filho é chamado Deus; elas revelam ao meu entendimento que Ele é Deus. E naquelas ocasiões anteriores, quando Moisés é chamado deus e outros são caracterizados deuses, ali há uma mera adição de um nome como um título. Entretanto, aqui uma verdade essencial é afirmada: O Verbo era Deus. Isso indica que isso não era um título, mas uma eterna realidade, elemento permanente de Sua Existência que é inerente ao Seu caráter e natureza”*

Não é necessário que se demonstre mais do pensamento de Hilário: Ele é um ortodoxo (cf. Livro 2, 23 e Livro 7, 9). Mas, o mais interessante é que já em sua época e lugar, existiam os que queriam destruir o sentido do texto de Jo.1.1. Muito embora, essas tentativas seguiam algumas leituras claramente equivocadas, como a confusão entre ‘em’ e ‘com’, nós também encontramos a idéia de que era possível que a sentença ‘e o Verbo era Deus’ trata-se mais de um título que uma verdade. O que se quer com isso é destronar o Senhor e Criador de todas as coisas da Sua posição exaltada, conforme João a apresenta.

Contudo, é significativo que até aqui, não vimos, nem nos hereges, a tentativa de nominá-lo um deus à parte do Deus Pai. Novamente, nota-se que, muito embora fosse pertinente às heresias combatidas por Hilário, os hereges a quem responde não teriam entendido o texto assim.

## **D. Ambrósio:**

O último pai da Igreja de tradição latina que vamos observar é Ambrósio (339-397). É fato que Ambrósio nasceu após Nicéia, mas no que se refere a Ambrósio estamos pensando do ponto de vista geográfico, pois ele é o primeiro pai da igreja de tradição latina a escrever da região romana. O que vale aqui em nossa consideração é que ele atua ainda no quarto século, quando a versão copta estava em produção ou em início de uso.

Ambrósio foi o primeiro Pai da Igreja de tradição latina a nascer em um lar cristão. Ele nasceu 339 em Aurélio at Trier. Foi treinado em retórica, lei e foi preparado em Grego e com 30 anos já era governador das províncias do norte da Itália. Como governador, Ambrósio foi até Milão resolver problemas entre católicos e arianos após a morte de Ário. Um fato interessante nessa situação é que ele foi proclamado Bispo de Milão por ambos os lados da disputa. Entretanto, a História da Igreja o reconhece como o campeão da ortodoxia, pois reafirmou as convicções nicenas em seus escritos e escreveu várias obras contra a heresia ariana. Ambrósio foi o primeiro Pai da Igreja a romper com o forte legalismo que assolava a fé cristã, muito embora, teria sido Agostinho, que foi batizado por Ambrósio, que teria feito da graça tema do evangelho na teologia ocidental.

Ambrósio cita Jo.1.1 cinco vezes e em todas são em contexto de defesa da Pessoa de Cristo. Porém, um detalhe interessante é que ele mostra-se preocupado com a forma verbal do verbo ser usado três vezes no texto. Em sua obra *Sobre a Fé Cristã*, no livro 1 cap.8, 56 após apresentar o verbo “era” em Jo.1.1 ele diz: “*Novamente João, em sua epístola, diz: ‘O que era desde o princípio’. A extensão desse ‘era’ é infinito*” (cf. Livro 1, cap. 19, 123).

É por isso que pouco à frente ele reconhece: “*Agora com essa pequena passagem nosso pescador impede o caminho de todas as heresias*” (Sobre a Fé Cristã, Livro 1, cap.8,57). Observe que para cada parte dessa sentença, Ambrósio demonstra que um herege é silenciado:

*“Para aquele que ‘era desde o princípio’ não é compreendido no tempo e não é precedido por nenhum início. Que Ário descance em paz. Mas, aquele que ‘estava com Deus’ não é confundido ou fundido com Ele, mas é distinguido pela perfeição imaculada que o Verbo está com Deus; e que Sabélio continue em silêncio. E ‘o verbo era Deus’. Esse Verbo, portanto, consiste não em apenas em linguagem formal, mas em designação de excelência celestial, e o ensino de Photinus está refutado. Além disso, pelo fato de que ‘Ele estava no princípio com Deus’ prova sua indivisível unidade do eterno Deus no Pai e Filho, para a vergonha e confusão de Eunomius”* (cf. Livro 2, Cap.2, 29)

Esse tipo de uso do texto com pequenos comentários, acontece novamente sob outro foco:

*“É dito sobre o bom Verbo do Pai ‘No princípio’ – aqui nós temos sua eternidade. E, é dito, ‘o Verbo estava com Deus’. Aqui você tem Seu Poder, não dividido e inseparável do Pai. ‘E o Verbo era Deus’. Aqui você tem Sua não gerada Divindade”*(Livro 3, Cap.1, 2)

O que é claro é que Ambrósio lia o texto do seguinte modo: “e o Verbo era Deus”. É importante notar que nenhum Pai da Igreja de tradição latina jamais leu o texto de outra forma. Será que eram desonestos ou não sabiam grego? Acredito que não. A evidência é generalizada demais para que se diga que todos erraram ou foram todos faltosos.

Assim, com Ambrósio já na segunda metade do quarto século, encerramos nossa análise dos Pais da Igreja de Tradição latina com a seguinte visão: A leitura, tradução e interpretação dos pais que liam grego e escreviam em latim, ou liam em latim e escreviam em latim é que “o Verbo era Deus”.

\* \* \*

Essas evidências nos trazem à luz aquilo que os defensores da “suposta” tradução da versão copta para Jo.1.1c não mencionaram (ou por intenção ou desinformação) para defender suas próprias convicções. Com mais informações sobre o assunto podemos ter uma visão mais próxima da realidade da tradição cristã nos primeiros séculos.

Entretanto, deve-se dizer que a tradição latina não é única no que refere-se aos Pais da Igreja: Existem também uma tradição síria. Seguindo a existência de versões sírias tão antigas não era de se alarmar que existissem teólogos que ensinassem em seu idioma. Por isso, abaixo passamos a considerar a tradição síria dos Pais da Igreja.

### 3. Como os Pais da Igreja de tradição síria citam e interpretam Jo.1.1?

Pouca notícia se tem de Teólogos de fala síria na história da Igreja, mas o que temos em mãos pode ser elucidativo.

#### A. Taciano, o Assírio

Taciano, conhecido pela história da Igreja como Taciano o Assírio, é mais um daqueles representantes dos Pais da Igreja que pouca coisa se sabe com certeza. Ele nasceu na Assíria, muito embora não se saiba precisar quando, mas veio a falecer, provavelmente, em 185 d.C. Por ter ido à Roma, tornou-se discípulo de Justino, o Mártir e provavelmente foi seu aluno no período em que combatia os sofistas gregos. Após a morte de Justino, pouco se sabe sobre ele. Irineu diz que após a morte de Justino, Taciano deixou Roma, em função de sua visão asceta e por ter juntado-se ao movimento de *Valentino*, um líder gnóstico. Eusébio diz que ele é o fundador da seita Encratita (gr. *Autocontrole*), que se abstinha de vinho, carne de animais e do casamento. Entretanto, não se sabe muito além disso. O que o torna reconhecido é sua obra chamada *Diatessaron* (gr. através dos quatro [evangelhos] – METZGER, pp.89), que é a primeira harmonia do evangelhos que se tem conhecimento.

O Diatessaron é datado entre 150-160 d.C. (T.Nicol acredita em uma data posterior a 170 d.C, *ISBE*) e representa uma das grandes obras da tradição síria do cristianismo. É bem verdade que existe certa disputa sobre em que língua teria sido escrita essa obra, pois os remanescentes mais antigos são fragmentos sírios e gregos. Entretanto, é possível remontá-lo no idioma sírio quase completamente pelos comentários feitos por Efraim da Síria no Diatessaron. Esse documento também é encontrado em latim, armênio e árabe em versões posteriores. A grande dificuldade de se remontar o texto do Diatessaron é que no quinto século, quando o Pai da Igreja Teodoret tornou-se bispo de Síria, ele encontrou algumas cópias desse material em sua diocese. Pelo fato de Taciano ter sido identificado como um herege no fim de sua vida e por pensar que os cristãos estavam em perigo com sua obra, Teodoret mandou destruir tantas obras quanto fossem encontradas.

Apesar de Taciano ser um Pai da Igreja de história controvertida, e de sua principal obra ser rodeada de dificuldades históricas, o mais importante em nossa análise é a que forma de Jo.1.1 ele teve acesso. Sua versão desse verso é assim encontrada:

*“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e Deus era o Verbo”*

A ordem da última sentença parece deslocada, em relação a tantas outras que já vimos, até por que entendemos que essa não é uma tradução possível para o texto grego. É como se Taciano estivesse lendo um artigo definido antes do substantivo Deus: “καὶ ὁ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος” (lit. *e O Deus era O Verbo*). Como sabemos que esse artigo não estava lá, podemos apenas supor que esse era o entendimento de Taciano. Na pior das hipóteses, Taciano teria lido o texto desse modo, mas isso já um pouco mais improvável. O que é evidente, por outro lado, é que nem em seu entendimento, ou do “*suposto*” texto que tinha disponível, parecia enxergar aqui um outro Deus.

#### B. Efraim da Síria

Efraim da Síria é, provavelmente, o único representante da História da Igreja reconhecido como teólogo-poeta. Ele nasceu por volta do ano 306 d.C. na cidade de Nisíbis filho de um líder pagão do deus Abnil ou Abizal. Foi introduzido ao cristianismo pelo Bispo de sua cidade, Tiago (Jacó). Efraim foi batizado por ele com 18 anos e provavelmente tornou-se um *filho da aliança*, uma forma não usual do proto-monasticismo Sírio. Também foi designado professor e diácono por Tiago. Tornou-se hábil na composição de hinos e na produção de

comentários bíblicos. Escreveu muitos hinos de caráter didático, ricos em poesia e fundamentado nas escrituras, além de uma série de *Hinos Contra Heresias*, que apresenta poeticamente a encarnação do Verbo como Deus-homem. Suas obras foram escritas exclusivamente em Sírio, entretanto as cópias mais antigas desses materiais são encontrados em Grego, Copta, Georgiano e Armênio, sendo que muitas de suas obras são apenas encontrados no último.

Em uma obra intitulada “*Sermão da Transfiguração do nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo*”, Efraim defende uma visão ortodoxa da cristologia. Nessa obra ele apresenta claramente o conceito da Trindade: “*Pai, o Filho e o Espírito Santo são um em natureza, poder, essência e relacionamento*” (v.14); da união hipostática: “*Eu confesso o mesmo [que Cristo] é perfeito Deus e perfeito homem, reconhecendo nele duas naturezas unidas hipostaticamente, mas em pessoa, [ele] é indivisível, sem confusão, e imutável*” (v.17). Pouco à frente no mesmo documento ele poeticamente atesta: “*Ele é ao mesmo tempo, terreno e celeste, temporal e eterno, com início e sem início, atemporal e sujeito ao tempo, nascido e não criado, passível e impassível, Deus e homem, perfeito nos dois, um em dois, dois em um*”.

A opinião de Efraim é claramente ortodoxa e não precisaríamos de outras evidências para que isso seja verificado. Por isso não é de estranhar que o fundamento para essas declarações, além daquelas que encontra no relato da transfiguração, esteja em Jo.1.1. Sobre isso ele fala:

*“Mas os profetas falaram a verdade e seus testemunhos não mentem. O Espírito Santo falou por meio deles o que deveriam escrever. E João o puro também, que reclinou-se no peito do fogo, reforçando a voz dos profetas, falando da parte de Deus no Evangelho, falando conosco diz: ‘No princípio era o verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus, todas as coisas foram feitas por meio dele e sem Ele nada do que foi feito se fez’. ‘E o verbo se fez carne e habitou entre nós’.”*

Efraim, seguindo a tradição síria também não encontra no texto de Jo.1.1 a idéia de que existe um outro Deus, ao contrário, para ele Jo.1.1 é a demonstração de que o Verbo é Deus e Efraim o reconhece como Deus filho.

\* \* \*

Contudo, além das diferentes versões e da tradição síria e latina dos Pais da Igreja, faltam ser observados os Pais da Igreja de Tradição grega. Seu estudo é fundamental, pois teremos leitores de grego lendo e interpretando Jo.1.1 no idioma que dominam. Assim, temos novas informações sobre como leitores e intérpretes reconhecidos pela história entendiam esse verso.

## **4. Como os Pais da Igreja de tradição grega interpretavam Jo.1.1?**

Antes de iniciarmos propriamente nossa análise dos Pais da Igreja do quarto século e anteriores a ele, é importante demonstrar um pouco da tradição textual grega do Novo Testamento, até por que, todas as versões foram produzidas a partir de cópias gregas dos autógrafos.

### ***A. Considerações introdutórias à tradição grega do Novo Testamento***

Até aqui muito foi dito sobre as versões antigas, que representam parte da história da tradução do texto do Novo Testamento para outros idiomas. Mas, não podemos deixar de lembrar que existiu uma tradição grega de manutenção do texto responsável pela produção de todas as outras versões. Essa tradição é fundamental, pois ela representa a língua em que originalmente foram escritos os autógrafos. Portanto, a mais fidedigna fonte de informações textuais que dispomos são os manuscritos gregos.

Craig A. Evans, em seu livro “*Fabricating Jesus*” cita os mais antigos papiros que preservam o evangelho de João. Dentre os citados, dois merecem nossa atenção, pois são significativos em diversas questões textuais relacionadas ao primeiro capítulo do Evangelho de João.

- (1)  $\mathfrak{P}^{66}$  (*Papiro 66*): Também conhecido como Papiro Bodmer II é datado no início segundo século. Trata-se do mais antigo testemunho textual do Novo Testamento e contém Jo.1.1- 6.11; 6.35b-14.26, 29-30; 15.2-26; 16.2-4, 6-7, 16.10-20:20, 22-23, 20.25-21.9, 12, 17.
- (2)  $\mathfrak{P}^{75}$  (*Papiro 75*): Também conhecido como Papiro Bodmer XIV e XV é datado no segundo século. É, em geral, concordante com  $\mathfrak{P}^{66}$  e  $\mathfrak{P}^{45}$ . Originalmente deveria ter tido 144 páginas das quais 102 sobreviveram, ainda que em partes. Ambos os papiros são fundamentais para a crítica textual e são considerados quase decisivos em leituras divergentes no Evangelho de João.

Com essas informações em mãos, podemos nos lembrar que no período de produção de versões do Novo Testamento, o texto grego, idioma original do NT era mantido em regiões diferentes do mundo, e esse material é que servia de suporte para as versões posteriores.

Entretanto, no que refere-se ao idioma original do Novo Testamento, devemos nos lembrar dos Pais da Igreja de tradição grega, pois além de apresentarem suas leituras, também deixaram suas interpretações. É importante notar que, se nenhum manuscrito grego tivesse sobrevivido ao tempo, as citações dos Pais da Igreja seriam suficientes para remontar todo o Novo Testamento (METZGER, pp.86). Se considerássemos apenas Orígenes isso já seria quase possível (PAROSCHI, pp.67).

Portanto, voltaremos nossos olhos para os Pais da Igreja anteriores ao quarto século para observarmos como eles liam e interpretavam Jo.1.1 no idioma original do Novo Testamento.

## ***B. Inácio de Antioquia***

As informações sobre nascimento e morte de Inácio não são tão exatas como os dos Pais posteriores. Em geral, seu nascimento é atestado antes do ano 50, mas há quem defenda que teria sido por volta do ano 35 d.C. Sobre sua morte, o assunto também é controverso, pois há quem defenda que Inácio teria morrido ainda no primeiro século (97d.C), outros dizem que seria próximo ao ano 117 d.C. Seja como for, além da proximidade temporal com os apóstolos, é possível ainda que ele tivesse sido ensinado pelo Apóstolo João. Se Eusébio está certo (*História Eclesiástica*, II, ii, 22), Inácio teria sido o terceiro bispo de Antioquia após Evódio e o Apóstolo Pedro. Se Teodoret está certo (*Dial. Immutab.*, I, iv, 33a), o próprio Pedro teria apontado Inácio como possível bispo de Antioquia.

Inácio de Antioquia é provavelmente o mais antigo Pai da Igreja ao citar Jo.1.1. A primeira citação é assim declarada:

*“Como podemos chamá-lo de mero homem, recebendo sua existência de Maria e não de Deus, a Palavra, o unigênito Filho? Pois, ‘no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’”* (Aos Tarsianos, Cap.6)

Em sua carta “*Aos antiloquianos*”, Inácio inicia sua carta com a pretensão de alertar seus leitores das distorções do cristianismo. Sobre isso ele diz:

*“Mas, vocês receberam a doutrina dos apóstolos e acreditam tanto na lei como nos profetas. Assim vocês rejeitam os erros dos judeus e dos gentios, e não introduzem uma multiplicidade de Deus, nem ainda negam a Cristo debaixo da alegação da manutenção da unidade de Deus”* (Aos Antioquianos, 1)

Após essa declaração, Inácio passa a descrever a respeito da verdadeira doutrina de Deus e Cristo. Por isso, ele defende a unidade de Deus nas palavras de Moisés (*Aos Antioquianos*, 2; cf. Dt.6.4), Isaías (*Aos Antioquianos*, 3; cf. Is.44.6) e do Apóstolo João (*Aos Antioquianos*, 4; cf. Jo.17.3). Para Inácio não existe como negociar essas informações pois elas são ensinadas pela Lei, Profetas e pelos Apóstolos. Mas, no que se refere ao Filho, Inácio quando o apresenta cita Is.9.6 como evidência de sua identidade com Deus. Ele também fala sobre sua encarnação (*Aos Antioquianos*, 3 cf. Is.7.14, Mt.1.23) e paixão (*Aos Antioquianos*, 3; cf. Is.53.7; Jr.11.19).

Após tantas informações em tão pouco espaço, Inácio pretende demonstrar que as verdades anunciadas pelos Profetas também é demonstrada pelo ensino apostólico de tal forma que eles não têm qualquer embaraço em defender a encarnação, ou paixão do verbo. Sobre isso ele diz:

*“O Evangelista, também declara que o Pai é o único e verdadeiro Deus, mas não omite o que é concernente ao nosso Senhor, mas diz: ‘No princípio era o verbo e o verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele mesmo estava no início com Deus e todas as coisas foram feitas por meio Dele, e sem Ele nada do que foi feito se fez’. Com relação a encarnação do Verbo diz: O Verbo se fez carne e habitou entre nós’. E novamente: ‘Livro da genealogia de Jesus Cristo, o Filho de Davi, Filho de Abraão’. E os mesmos apóstolos que afirmam que existe apenas um Deus, também falam sobre o único Mediador entre Deus e os Homens” (Aos Antiloquianos, cap.4)*

É interessante notar que tão cedo Inácio já teria falado sobre a relação da informação de que Deus é Um, mas que Cristo também é Deus e não outra entidade. Para Inácio, isso seria uma afronta à Lei e aos Profetas. Muito embora, nessas citações a divindade de Cristo tenha ficado implícito, a opinião de Inácio sobre o assunto não era. Observe o que ele diz: *“Nosso Deus, Jesus Cristo, tomou carne no seio de Maria, segundo o plano de Deus”* (Aos Efésios, 18,2). Em sua Carta aos Romanos, ele inicia assim:

*“Inácio, à Igreja amada e iluminada segundo a fé e a caridade, de Jesus Cristo nosso Deus, deseja todo o bem e irrepreensível alegria em Cristo Jesus Nosso Deus”*

É bem interessante que, mesmo sendo bem anterior a Tertuliano, Inácio também já tinha uma boa visão da Trindade:

*“Procurai manter-vos firmes nos ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, para que prospere tudo o que fizerdes na carne e no espírito, na fé e no amor, no Filho, no Pai e no Espírito, no princípio e no fim, unidos ao vosso digníssimo bispo e à preciosa coroa espiritual formada pelos vossos presbíteros e diáconos segundo Deus. Sejam submissos ao bispo e também uns aos outros, assim como Jesus Cristo se submeteu, na carne, ao Pai, e os apóstolos se submeteram a Cristo, ao Pai e ao Espírito, a fim de que haja união, tanto física como espiritual” (Aos Magnésios, 13, 1-2)*

Ao que se pode ver com clareza é que bem cedo, a concepção da Divindade de Cristo já era declarada e uma visão da Trindade já esboçada, muito antes do Concílio que a oficializou como Doutrina do Cristianismo. Mas interessante é que mesmo Inácio já utilizava Jo.1.1 como evidência da divindade de Cristo em um ambiente em que defendia a Unidade do Mesmo com Deus. Portanto, um leitor de grego não viu uma outra entidade, ou um outro deus em Jo.1.1 e assim ensinou em conformidade com o ensino da Lei, Profetas e dos Apóstolos.

### **C. Irineu**

Irineu é mais um daqueles Pais da Igreja cujas informações não apresentada em suas obras são, quando não escassas, conflitantes. Sobre seu nascimento não existe consenso: [115](#), [125](#), [130](#), [140](#) d.C. Diz-se que em sua juventude ouviu o Bispo Policarpo em Esmirna. Entretanto, sabe-se com certeza que durante a perseguição de Marcos Aurélio, Irineu era pastor da Igreja de Lion. Tornou-se Segundo Bispo da mesma cidade após o martírio de Pothinus. Durante o período de paz religiosa, focou seu trabalho entre as atividades pastorais, missionárias e apologéticas. O maior grupo de informações que temos a seu respeito, entretanto, são suas obras apologéticas, em geral direcionadas contra o gnosticismo. É famoso pela obra *Contra Heresias*. Irineu teria morrido por volta do ano 202 d.C., mas não se tem certeza sobre essa data.

Irineu faz duas citações de Jo.1.1, ambas na obra *Contra Heresias*. Em uma delas, ele tece alguns *insights* sobre a trindade:

*“O Pai é sem dúvidas, sobre todos, e Ele é o Cabeça de Cristo; mas o Verbo é mediante todas as coisas, e Ele mesmo é o Cabeça da Igreja; enquanto o Espírito está em todos nós, e Ele é a água viva, que o Senhor garante àqueles que corretamente crêem Nele, e o amam, e sabem que há um Pai, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Contra Heresias, Livro 1, cap.18, 2)*

No entendimento de Irineu, na Trindade existe uma relação hierárquica do ponto de vista da funcionalidade de cada um. Fato comprovado pelas escrituras que o ensinam. Entretanto, para ele, a prova para a parte referente a Cristo como Deus é vista em Jo.1.1: “*E sobre essas coisas, João o discípulo do Senhor, também testemunha quando nos fala no evangelho: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’.*”

Além de Irineu ter a clara visão da divindade de Cristo, me é interessante o fato de que em uma citação tão curta, tantos nomes lhe tenha sido atribuído. Note que Jesus é chamado de Cristo, Verbo, Cabeça e Senhor. Diante disso, é evidente que, na mente de Irineu Jesus Cristo é Deus. Talvez essa afirmação soe um pouco sem fundamento, para tanto, observe que ele diz no capítulo 8, verso 5 da mesma obra:

*“E ele se expressa assim: No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus; o mesmo estava no princípio com Deus (...) Tendo primeiro de tudo distinguido esses três – Deus, o princípio e a Palavra – ele novamente os une, de modo que ele apresenta a produção de cada um deles, isto é, do Filho, a Palavra, e ao mesmo tempo demonstra sua união um com o outro com o Pai.. No princípio ele está no Pai, ao mesmo tempo que a Palavra está no princípio e além do princípio. Apropriadamente, então, ele diz: ‘No princípio era a Palavra’ por que Ele estava no Filho; ‘e a Palavra estava com Deus’ por que Ele estava no princípio; ‘e a palavra era Deus’ claro, por que aquele é gerado de Deus é Deus”*

Para Irineu, o defensor da ortodoxia cristã contra as investidas gnósticas, Jesus Cristo era Deus e Jo.1.1 era evidência desse fato. O fato de ler e escrever em grego e não encontrar a indefinição no substantivo anarthro “Θεός” é mais uma evidência de que o texto não deveria ser lido assim. É verdade que alguém poderia dizer que ele era um herege e que lia o que intencionava ler nesse verso. Entretanto, para que isso fosse verdadeiro, teríamos de chamar todos os outros pais da igreja de tradição grega não apenas de hereges, mas analfabetos.

#### **D. Clemente de Alexandria**

Nascido em Atenas por volta do ano 150, Clemente de Alexandria é reconhecido como escritor grego e teólogo além de fundador da escola de Teologia de Alexandria. É conhecido por unir, ou tentar unir a filosofia grega com as tradições cristãs. É também lembrado como Professor de Orígenes. Clemente teria morrido por volta de 215d.C.

Clemente de Alexandria cita duas vezes o texto de Jo.1.1 e em ambas a leitura é claramente “καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος”. Em sua obra “Exortação a Heathen” no primeiro capítulo ele diz:

*“Você tem as promessas de Deus; você tem Seu Amor: tornou-se participante de Sua Graça. E não suponha que a música da salvação para ser nova como o vaso ou a casa é nova. Pois ‘antes da manhã estrela era’ e ‘no princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus’. O erro parece antigo, mas a verdade uma nova coisa”*

A citação aqui é simples, mas como ele entendia a expressão e o Verbo era Deus: “*Por que os dois são um – isto é Deus. Por isso ele diz ‘No princípio o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus’*” (O Instrutor, Livro I, cap.8). A citação, provavelmente de memória aqui, é uma clara demonstração que para Clemente de Alexandria a leitura falava sobre a identificação do Verbo com o Deus Pai. Essa visão é de tal forma verdadeira que pouco à frente ele conclui que, pelo fato de o Pai ser amor, o Verbo também o é.

Embora, Clemente não nos acresça novas informações, é interessante notar que sua leitura era concordante com os outros Pais da Igreja. Portanto, é evidente que para ele o texto não fala sobre um outro deus à parte do Deus Pai.

#### **E. Hipólito:**

Hipólito nasceu por volta de 160 d.C em uma família nobre. Foi instruído teologicamente tornando-se forte defensor das doutrinas da Igreja. Foi presbítero em Roma, quando Zeferino era Papa (199-217). É considerado o primeiro Anti-papa, por opor-se a escolha de Calisto. Sua principal discordância com Calisto era relacionado

ao perdão dos pecados para morte. Em função desse confronto, Hipólito suportou grande disciplina e se separou da Igreja por aproximadamente 20 anos. É reconhecido por suas produções teológicas e denominado Doutor da Igreja. Veio a falecer em 13 de Agosto de 235. Sobre suas obras é importante dizer que, embora fosse de Roma, escreveu suas obras todas em grego, fato que o manteve em obscuro entre os seus contemporâneos ocidentais.

Hipólito não faz largas citações do Jo.1.1 como outros Pais da Igreja. Ele o faz apenas três vezes, e em uma delas, apesar de ser exatamente igual às muitas citações patrísticas, é usada em um contexto de pouca relevância para nosso estudo aqui (cf. *Refutação a Todas as Heresias, Livro 5, Cap.11*), muito embora seja coerente com a tradição grega do texto do Evangelho de João.

Entretanto, em duas citações podemos compreender como esse teólogo do fim do segundo século e início do terceiro compreendia o texto.

Hipólito escreveu um livro chamado *Contra a Heresia de Noeto*, que foi considerado o chefe dos *Patripassionistas*, grupo que negava a trindade. Essa ideologia também foi chamada de Modalismo, por afirmar que Deus teria uma substância indivisível, mas dividido em três *atividades fundamentais*, ou modos, manifestando-se sucessivamente como o Pai (criador e legislador), Filho (o redentor), e o Espírito Santo (o criador da vida, e a divina presença no homem).

No décimo segundo parágrafo dessa obra, Hipólito passa a demonstrar para Noeto que o Verbo teria sido feito manifesto entre os homens. E sobre o Verbo pergunta: “*Quem o Pai enviou, e em quem Ele demonstrou o aos homens o poder procedente do Pai?*” Para responder essa pergunta, Hipólito diz:

*“Ele [João] acresce às informações que os profetas haviam dito e demonstra que este é o Verbo, por meio de quem todas as coisas foram feitas. Sobre ele fala assim: ‘No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. E abaixo diz: ‘O mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu; veio para os que eram seus mas os seus não o receberam’”*

A exposição de Hipólito nesse caso fala sobre a manifestação histórica do Verbo, mas não é interessante a relação que ele apresenta sobre a relação do Pai e do Filho? Apesar de citar Jo.1.1 como a declaração da Divindade de Cristo, Jo.1.11 como sua manifestação histórica, ele compreende uma submissão do Filho para com o Pai a tal ponto que reconhece que Jesus Cristo demonstrava o poder do Pai aos homens. Tal visão, também é vista pelos unicistas modernos, mas eles interpretam Jo.1.1c com o acréscimo do artigo indefinido antes de Deus. Mas, Hipólito não entende assim.

É bom lembrar que, tal como Hipólito, grande parte dos teólogos ortodoxos dos nossos dias também reconhecem a submissão do Filho ao Pai, até por que Jesus Cristo é chamado de Filho, e em uma relação de Pai e Filho, é evidente que existe uma hierarquia. Mesmo Tertuliano entendia assim. Entretanto, Hipólito difere dos cristãos ortodoxos modernos, de Tertuliano e provavelmente dos unicistas quando diz no mesmo parágrafo: “*Em conformidade com isso, Nós vemos e o Verbo encarnado, e por meio dele nós conhecemos o Pai, e nós acreditamos no Filho, e adoramos o Espírito Santo*”.

A concepção da relação entre Pai, Filho e Espírito Santo para Hipólito não era ainda tão bem elaborada como vimos em outros Pais da Igreja. Para Hipólito, Deus era manifesto em duas Pessoas (Pai – Filho), mas acreditava em uma nova administração, ou até mesmo disposição, dessas pessoas chamada “*a sua graça Espírito Santo*” (cf. ver.14). As implicações disso ainda não são exatamente reconhecidas, mas o que podemos dizer é que isso é certamente diferente do que temos ouvido sobre a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Porém, é fundamental dizer que Hipólito era convicto da Divindade de Jesus Cristo. Uma das evidências nas escrituras que ele apresenta é a ocasião em que Pedro apresenta o evangelho para o Centurião Cornélio. Em sua citação comentada, Hipólito diz: “*Deus enviou sua palavra aos filhos de Israel pela pregação de Jesus Cristo. Este é Deus e Senhor sobre todos*” (At.10.36; cf. ver.14).

É bem possível que Hipólito aqui não estivesse transcrevendo uma informação de um documento, mas estivesse citando de memória um texto. Observe que ele não cita uma parte central do versículo: “*anunciando a paz*”, da mesma forma que acresce informações na parte final do texto: “*Este é Deus*”. Talvez a inclusão da palavra “*Deus*” no texto de Hipólito fosse uma tentativa de explicação do conceito de Senhor, mas sobre isso apenas podemos especular. Contudo, a citação como um todo deixa evidente que sua opinião sobre o Verbo é que ele era Deus. Não é à toa que pouco à frente ele diz:

*“Todas essas coisas, irmãos, são declaradas pelas Escrituras. E o abençoado João no testemunho do seu evangelho, nos dá informações sobre essa economia e reconhece que o Verbo era Deus, quando diz: ‘No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’. Se, então, o Verbo estava com Deus e também era Deus, o que se conclui? Alguém poderia dizer que ele fala em dois deuses? Eu jamais falaria em dois deuses, mas em um, em duas Pessoas, entretanto.”*

Muito embora a visão de Hipólito sobre a Trindade, ou a relação entre suas Pessoas, não era tão bem definida, ele tem uma sólida convicção: **Não se pode falar em dois deuses** em Jo.1.1. Isso é significativo, pois encontramos na história da igreja alguém que é denominado Pai da Igreja, que tem opiniões pouco diferentes da ortodoxia em geral sobre um assunto importante, mas não consegue traduzir, ou mesmo interpretar Jo.1.1c como a evidência de um segundo deus.

Ou seja, essa é mais uma evidência de que a tradução, ou até mesmo interpretação, de Jo.1.1c como [um] deus não era vista em outras regiões do mundo.

## **F. Orígenes**

Orígenes (185-254) é mais um dos doutores do cristianismo antigo e provavelmente o mais controverso Pai da Igreja. De uma exegese que tende à alegoria, de clara influência grega foi o primeiro a notar diferenças entre os manuscritos do Novo Testamento. É importantíssimo para a História da Teologia, pois suas obras abriram portas para os teólogos posteriores: Escreveu diversos comentários bíblicos, traduziu do Hebraico o Velho Testamento, escreveu um organizado manual de teologia, escreveu uma das obras mais fortes sobre a defesa da fé (*Contra Celso*), além da *Hexapla* uma versão comparativa em seis idiomas do VT.

Orígenes cita Jo.1.1 em diversas ocasiões, e por essa razão podemos dizer com certeza que lia o texto desse modo: “καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος”. Vamos observar como ele lia e interpretava Jo.1.1 em cada uma das Obras em que cita o referido texto.

## **De Principiis**

Na obra chamada *De Principiis* Orígenes escreve um ordenado relato da doutrina Cristã que incluía claras demonstrações de sua visão das escrituras (VT e NT), apresentado a Deus como o Criador, o Filho como Preexistente e a Divindade do Espírito Santo. É interessante que Orígenes escreve muito antes de Calcedônia, mas com declarações trinitárias muito bem definidas. É bem verdade que, em função dessa obra Orígenes tornou-se divergente da ortodoxia posterior tendo sido atacado, inclusive por outros Pais da Igreja (Jerônimo, Justino I).

Mas, no que refere-se à essa obra, Orígenes cita o verso duas vezes. A primeira ele fala sobre a realidade da criação dos seres racionais (corpóreos e incorpóreos). Quando fala sobre esse assunto diz:

*“Todas as almas e naturezas racionais, seja santo ou caída, foram formadas ou criadas, e todas essas, de acordo com sua própria natureza são incorpóreas; mas, apesar de incorpórea, eles foram criados, por que todas as coisas foram feitas por Deus por meio de Cristo, como João ensina de modo geral no seu Evangelho, dizendo: ‘No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele mesmo estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez.’”* (Livro I, Cap.7, v1)

No segundo livro dessa obra, no capítulo 9 ainda falando sobre esse assunto, Orígenes cita novamente Jo1.1. como evidência de que Cristo é o Criador. Entretanto, nessa citação ele associa dois outros textos: Cl.1.16 e Sl.104.24.

*“Todas as coisas foram criadas, foram feitas por meio de Cristo e em Cristo, como o Apóstolo Paulo claramente indica quando fala: ‘nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele’ e como no Evangelho de João aponta para o mesmo fato, dizendo: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele mesmo estava no princípio com Deus e todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada do que foi feito se fez’ e como em Salmos também é escrito: ‘Em sabedoria Tu as fizeste’”*

Nessa obra, esse é o contexto em que Orígenes cita Jo1.1. No que se refere a interpretação de Orígenes sobre a criação não temos do que discordar, aliás, outros Pais da Igreja já utilizaram esse texto com esses objetivos. Entretanto, o que fica claro para Orígenes é que o Filho não tem início: é preexistente. Ele é o criador de todas as coisas, visíveis e as invisíveis, ou como ele costuma chamar, corpóreas ou incorpóreas.

### **Contra Celso**

A maior defesa do Cristianismo de uma heresia pagã acontece com Orígenes na Obra Contra Celso, escrito provavelmente no ano de 248. Parágrafo por parágrafo, Orígenes defende a verdadeira doutrina Contra Celso, a principal fonte dos acadêmicos para a visão anti-cristã desse período.

Nessa obra Orígenes cita nosso texto em duas ocasiões, embora em nenhuma delas a ênfase esteja sobre a divindade de Cristo. Na primeira citação (Livro 5, cap.24), Orígenes demonstra a identidade do Pai com o Filho, pois visa demonstrar que o Logos é a razão de todas as coisas:

*“De acordo com Celso, Deus mesmo é a razão de todas as coisas, enquanto de acordo com nossa visão é o Filho que é, de quem nós falamos em linguagem filosófica ‘No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’”*

Na segunda citação (Livro 5, cap.65) a ênfase recai sobre aqui sobre a possibilidade do Deus Pai ser expresso em palavras. Sobre isso Orígenes diz”

*“Eu também admito que Deus não é alcançado pelas palavras [logos]. Se, porém, nós atentarmos para a passagem ‘No princípio era o Verbo [Logos], e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’ nós temos a opinião que Deus é alcançado por essa Palavra [Logos] e é compreendido não apenas por Ele, mas por qualquer um que Ele quiser revelar o Pai. E com isso provamos a falsidade da afirmação de Celso, quando diz: ‘Deus não pode ser alcançado por palavras’”*

Muito embora Orígenes não tenha com essas citações trabalho com a idéia da expressão “e o Verbo era Deus”, fica claro que dispunha do texto e o usava em suas Obras.

### **Comentário ao Evangelho de João**

Entre os muitos comentários que escreveu, Orígenes dedicou seus esforços para compreender o Evangelho de João. Nesse comentário, além de realizar a exegese do texto, ele o cita mais algumas vezes. Vamos olhá-lo com atenção.

No segundo livro dessa obra, no primeiro capítulo Orígenes diz:

*“Ele é Deus, apenas por que Ele está com Deus. E provavelmente é assim pelo fato de que ele [João] viu tamanha ordem no Logos, que João não colocou a clausula ‘e o Verbo era Deus’ antes da setença ‘O Verbo estava com Deus’”*

Para Orígenes a ordem das sentenças é fundamental. Ele chama de axioma cada uma das sentenças. Ou seja, o primeiro axioma fundamental é o fato de que o Verbo já existia no princípio. O segundo, que esse mesmo Verbo estava com Deus. Portanto, a conclusão é que o Verbo é Deus. Em sua conclusão, Orígenes diz: “*É por isso que nós vemos o Verbo estando com Deus o faz Deus*”.

Explicando o mesmo verso, pouco à frente Orígenes diz: “*Na primeira premissa nós aprendemos onde o logos estava: Ele estava no princípio. Então nós aprendemos com quem Ele estava; com Deus. Depois nós aprendemos que Ele era: e Ele era Deus*” (Livro 2, cap.4; cf. cap.5). Para Orígenes não há dúvidas de sua leitura do texto: **Para Ele O Verbo é Deus**.

A princípio não sabemos de onde Orígenes teria escrito esse comentário: Se em Alexandria onde passou grande parte de sua vida, ou em Cesaréia, para onde foi após um desentendimento com o Bispo Demétrio. Mas, é interessante que temos um escritor do fim do segundo século, início do terceiro educado em Alexandria (norte do Egito) e que defende veementemente a Divindade de Cristo no mesmo período em que o exemplar copta está em produção. A proximidade histórica e geográfica faz disso um excelente ponto de comparação, pois Orígenes, como todas as suas peculiaridades, está com a ortodoxia teológica nesse ponto em um local onde supostamente a tradução copta estava sendo realizada com uma visão bem diferente da sua (*considerando que a suposta tradução de Landers esteja correta*). Isso é mais uma evidência que aponta para a solidão da versão copta (*se estiver sido bem traduzida*).

### **G. Eusébio de Cesaréia:**

Eusébio nasceu por volta do ano 260, mas ninguém sabe ao certo onde. Ele é conhecido como Eusébio “*de Cesaréia*”, não por ter nascido lá, mas porque foi bispo desta cidade. Ele é reconhecido por sua obra *História Eclesiásticas*, pois foi o primeiro a refletir e lançar luz sobre a história da igreja nos três primeiros séculos. Em 315 foi ordenado bispo de Cesaréia e durante esse período teria simpatizado com a doutrina Ariana. Embora Eusébio não adotasse as idéias de Ário, mas a teria entendido incorretamente apenas, foi expulso de sua posição por Alexandre em 318, sob a acusação de negar a divindade de Cristo. No Sínodo de Antioquia foi excomungado sob acusação de ser arianista. Entretanto, no fim do mesmo ano, foi convocado por Constantino para se explicar no Concílio de Nicéia e teve suas punições suspensas pelo Imperador, ao defender a Divindade de Cristo, como veremos melhor à frente. Eusébio veio a falecer em 30 de Maio de 339.

Eusébio faz apenas duas citações de Jo.1.1, e em ambos contextos defende a visão ortodoxa das escrituras. O que se precisa dizer, dado o foco e objetivo desse trabalho, é que a leitura do texto que estamos a averiguar, também era conhecida na região da Cesaréia, de onde Eusébio escreve. Logo, ele teve acesso a um tipo de texto que serviu como base para suas obras, e nesse texto que lhe era disponível, como ele lia e entendida Jo.1.1? Abaixo, transcrevo suas considerações:

*“Para aquele que está ao lado do Pai pode ser claramente entendido como a Luz que existe antes do mundo, a intelectual sabedoria intelectual que existe antes dos tempos, o Verbo vivo que estava no princípio com Deus e que era Deus, o primeiro e único gerado de Deus, que é antes de todas as criaturas, criação visível e invisível, o Mestre das hostes racionais e imortais do céu, o mensageiro do grande concílio, o executor da vontade não anunciada do Pai, o criador com o Pai de todas as coisas e segunda causa do universo depois do Pai, o verdadeiro e único gerado Filho de Deus, o Senhor, Deus e Rei de todas as coisas criadas, Aquele que recebeu o domínio e o poder, sendo ele mesmo divino, cuja força e poder procedem do Pai; como é dito a seu respeito na mística passagem das Escrituras que declara sua divindade: ‘No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’.* (História Eclesiástica, Livro, Cap.2)

*“Universal assim é a agência do Verbo de Deus: presente em todos os lugares, permeando todas as coisas pelo poder da sua inteligência, ele olha acima ao Seu Pai, e governa toda a criação abaixo, e inferior a ele, e conseqüente acima dele mesmo, de acordo com sua vontade, como o Preservador de todas as coisas. Intermediário, como se estivesse atraindo as coisas criadas à não criada Essência, esse Verbo de Deus existe como um laço inquebrável entre os dois, unindo coisas mais diferentes por um inseparável vínculo. Ele é a Providência que governa o universo, o guardião e diretor de Tudo: Ele é Poder e Sabedoria de Deus, o*

*unigênito Deus, o Verbo gerado do próprio Deus. Por isso ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’” (Oração de Eusébio Panfílio, Cap.12)*

## **H. João Crisóstomo**

João Crisóstomo nasceu em 347 em Antioquia, a segunda cidade mais importante do Ocidente no Império Romano nessa ocasião. É chamado Crisóstomo, não por um nome de família, mas por ser considerado muito eloquente. A palavra grega “Χρυσόστομος” significa literalmente “boca de ouro” e provavelmente esse título teria sido atribuído a ele após sua morte.

João Crisóstomo já ultrapassa um pouco a data que temos em consideração nesse trabalho, entretanto, sua análise nesse texto merece nossa atenção. A leitura que Crisóstomo dispõe do texto é claramente “καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος” e ele apresenta essa leitura várias vezes. Na sua décima sexta homilia do Evangelho de Mateus, João Crisóstomo diz:

*“Muitas vezes, tendo dito muitas coisas em Sua Pessoa sem muito falar sobre Ele mesmo, deixa as grandes coisas serem ditas por outros. No entanto, quando discutia com o judeus, Ele disse: ‘Antes de Abraão vir a ser, EU SOU’. Mas, seu discípulo não faz diferente: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus’”*

Mas, ainda mais interessante que sua leitura do texto é sua exegese do mesmo. Em sua quarta homilia no Evangelho de João, ele se propõe a fazê-lo assim:

*“‘Como’ alguém pode perguntar, ‘João defini um início por dizer: ‘No princípio era’? Me diga, você prestou atenção à expressão ‘No princípio’ e ao verbo ‘era’ e não entende a expressão ‘o Verbo era’? O que! Quando o profeta diz: ‘de eternidade a eternidade, tu és Deus’ ele diz isso para evidenciar Seus limites? Não, mas para declarar sua eternidade. Agora, considere que o caso aqui é semelhante. Ele não sua a expressão como definição de limites, por que ele não diz ‘teve um princípio’, mas ‘era no princípio’. Como a palavra ‘era’ o carrega à idéia de que o Filho não tem início. ‘Mas, observe’ ele diz ‘o Pai é nomeado com a adição de um artigo, mas o Filho sem ele’”*

Aqui vemos a contribuição das citações de João Crisóstomo, pois ele observa que alguém teria visto o texto de Jo.1.1 e identificado a falta de artigo em referência ao Verbo quando usa o termo “Θεός”. As idéias aqui combatidas por João Crisóstomo são semelhantes aos que os arianos modernos costumam fazer. É como se a falta de artigo estivesse sugerindo que Cristo fosse menor que o próprio Deus. Mas, como João Crisóstomo entendia a falta de artigo? Observe:

*“O que então, o apóstolo quis dizer quando disse: ‘O grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo’? E novamente ‘O que é sobre todos Deus’? É verdade que aqui ele menciona o Filho, sem artigo, mas ele faz o mesmo quando fala do Pai em sua epístola aos Filipenses: ‘sendo em forma de Deus, não julgou como roubo o ser igual a Deus’, e novamente [na epístola] aos Romanos: ‘Graça a vocês e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo’. (...) Falando a respeito do Pai, ele diz: ‘Deus é Espírito’, e nós não negamos a Natureza Espiritual de Deus, apesar de que o artigo não está unido a ‘Espírito’; então, em função de que o artigo não é anexado ao Filho, o Filho não é apresentado como menos Deus”*

É bem interessante que Crisóstomo, nem seu referido herege, teriam visto aqui uma outra divindade. Aliás, como o ataque de Crisóstomo consiste na defesa de que Cristo não é menos Deus que o Pai, podemos perceber que esse era o teor do ataque. É interessante que não se fala em um outro deus, mas no Filho sendo Inferior ao Pai. Mas, por que isso? Crisóstomo responde:

*“Por que dizer ‘Deus’ e novamente ‘Deus’, ele não nos revela nenhuma diferença em sua Divindade, mas ao contrário; por ter dito ‘e o Verbo era Deus’ ninguém pode supor que a Divindade do Filho é inferior, pois ele imediatamente adiciona características da verdadeira Divindade, incluindo Eternidade (por que Ele era no princípio com Deus, ele diz) e atribui a Ele o ofício de Criador: ‘por meio dele todas as coisas foram feitas e sem Ele nada do que foi feito se fez’”*

Ou seja, para Crisóstomo, a falta de artigo não pode demonstrar a inferioridade de Cristo a Deus Pai por duas razões:

- (1) Gramaticalmente não é incomum encontrar situações em que Deus é apresentado sem artigo e nem por isso o autor quer dizer que Ele é menor. É também comum encontrar características de Deus apresentadas sem artigo sem que isso implicasse na falta da totalidade da atribuição qualitativa. Esse é o caso da sentença “πνεῦμα ὁ Θεός” (Deus é Espírito), onde ninguém procura negar a Natureza Espiritual de Deus muito embora temos a falta de artigo em “πνεῦμα” (Espírito).
- (2) Contextualmente João acresce informações que o identificam claramente com Deus Pai. Ele cita duas ocasiões: Em primeiro lugar ele é Eterno, pois ele já era no princípio e não veio a ser criado. Em segundo lugar, ele mesmo é o Criador.

Portanto é evidente na mente de João Crisóstomo que não se pode falar em inferioridade de Cristo em relação ao Pai, no sentido de ser menos Deus. Mas, ainda mais interessante é que João não se contrapõe a idéia de um outro deus em Jo.1.1. Ainda que comentasse sobre a falta do artigo, ele, nem seu herege opositor, teria encontrado aqui a evidência de uma segunda divindade. E falando ainda sobre a falta de artigo, em seu comentário à Epístola de Gálatas, no primeiro capítulo ele diz:

*“Aqui, novamente, está uma clara refutação dos hereges que afirmam que João no início do seu Evangelho, onde ele diz: ‘e o Verbo era Deus’ usa a palavra ‘Θεός’ sem artigo para defender a inferioridade da Divindade do Filho; e o que Paulo não menciona o Pai quando ele diz que o Filho era ‘forma de Deus’ por que a palavra ‘Θεός’ estava sem artigo. Mas, o que eles conseguem dizer aqui, quando Paulo fala ‘καὶ Θεοῦ πατρὸς’ e não ‘καὶ τοῦ Θεοῦ πατρὸς’?”*

O que João Crisóstomo afirma com isso? É que se a ausência de artigo é evidência para inferioridade de Cristo, a Teologia no Novo Testamento deve reinterpretar todas as ocasiões em que Deus é apresentado sem artigo, ou ocasiões que descrições da pessoa de Deus fossem apresentadas sem artigo, o que não faz sentido, nem para Crisóstomo nem para nós.

O que se conclui da análise exegética de Crisóstomo? Que, embora os hereges vissem a inferioridade de Cristo para com o Pai, não poderiam ter encontrado outra divindade à parte de Deus Pai; e que, a leitura do texto com um todo demonstra exatamente o oposto, pois o Verbo recebe atributos da Divindade do Pai, sem contar nas outras ocasiões onde é claramente apresentado como Deus.

\* \* \*

(Para citações exaustivas dos Pais da Igreja antes do século V, ver: “*Como os Pais da Igreja citam Jo.1.1?*”)

\* \* \*

Bom, depois de tantas citações, que até seguem um determinado padrão, é importante perceber que nenhum dos Pais da Igreja citados fazem qualquer menção da possibilidade de que a leitura do texto deveria acrescentar artigo indefinido [um] antes de Deus. É interessante notar que mesmo quando combatem os “*hereses*”, não mencionam que alguém teria ousado entender o texto com acréscimo de um artigo na tradução ou interpretação.

Ao contrário, em seus comentários eles evidenciam que a compreensão do texto era muito próxima da forma como nós o temos compreendido. É bem verdade que algumas das definições já não são exatamente como as nossas, mas evidencia-se a manutenção da doutrina ortodoxa das escrituras em suas citações. Além disso, temos que considerar que pais da igreja supracitados são falantes do grego koinê escrevendo na língua que conhecem, mas nenhum deles ousou usar o texto de Jo.1.1 como evidência da não divindade real de Jesus Cristo, ou do absurdo de chamá-lo outro deus. Muito pelo contrário, o texto é normalmente utilizado para justamente evidenciar sua Divindade e Igualdade com Deus. **Isso é significativo.**

Por isso é bem importante demonstrar que, para que a tradução da TNM de Jo.1.1 ou da suposta tradução da versão copta ser aceitável, é necessário que todos os Pais da Igreja estejam equivocados<sup>5</sup>. Portanto, se a suposta tradução da versão copta saídica citada está correta (*o que temos algumas razões para duvidar*) ela não me parece evidência suficiente para suportar o que pretendem os defensores da TNM.

## **Conclusão**

Quando nós colocamos as versões coptas dentro do cenário da histórica textual do Novo Testamento podemos dizer com certeza que ela é uma parte de um todo muito rico. Por isso, suprimir todas as outras evidências para exaltar uma única leitura que parece suportar uma opinião teológica, não parece nem um pouco adequado. Aliás, isso mostrou-se incorreto.

Se as versões coptas fossem as mais importantes leituras (*que não são*), ou as mais antigas (*que não são*) ou as que representassem melhor a tradução do grego neotestamentário (*que também não são*) ainda estariam sujeitas à análises de caráter geográfico. A análise do ponto de vista da geografia visa compreender como determinada leitura ou tradução era encontrada no mundo antigo. Caso fosse uma leitura sem representatividade em outras regiões demonstrar-se-ia que tal leitura não era familiar a outras regiões do mundo. Isso inevitavelmente ou iria colocar todo o resto do mundo antigo desprovido da verdade, ou nos faria pensar que a mesma era a leitura equivocada.

Porém, deve-se dizer que isso seria aplicado caso a tradução das versões coptas fossem realmente problemáticas. Mas, será que elas podem ser assim definidas? Por isso, abaixo passamos a observar a tradução da versão copta saídica.

---

<sup>5</sup> Alguns comentaristas Testemunhas de Jeová tem dito exatamente isso. Hal Flemings, que se propõe a evidenciar isso com detalhes na interpretação da trindade nos pais da igreja, diz: “*Antes de considerarmos isso com detalhes, vamos primeiro estabelecer que o sistema de corrupção dos primeiros anos da igreja foi predito pelas escrituras gregas. O apóstolo Pedro escreveu seu aviso por volta de 62 da E.C. [era comum= d.C.]: “No passado surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. uitos seguirão os caminhos vergonhosos desses homens e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade. Em sua cobiça, tais mestres os explorarão com histórias que inventaram. Há muito tempo a sua condenação paira sobre eles, e a sua destruição não tarda” (2Pe.2.1-3)” (FLEMINGS, Hal, [Examining the Doctrines of the Trinity and the Person of Jesus Christ in the Eyes of the Apostolic and Ante-Nicene Father](#)). É bem verdade que eu mesmo usaria esse verso em referência a Flemings.*

### 3. O que dizer da tradução copta feita Jo.1.1?

O que demonstramos até agora é que o idioma copta saídico tem a peculiaridade de ter tanto o artigo definido quanto o indefinido, como o Português. Além disso, sabemos que foi provavelmente o primeiro idioma a traduzir o grego koinê a ter essa peculiaridade. Também sabemos que o texto de Jo.1.1 traz tanto o artigo definido como o indefinido em referência a Deus. Mas, o que isso significa? Será que a tradução de Landers está correta? Vamos olhar com mais atenção ao texto:

Εν	ἀρχῇ	ἦν	ὁ Λόγος	WHO	
ΕΝ	ΑΡΧΗ	ΗΝ	Ο ΛΟΓΟΣ	TGE	
ΖΝ	ΤΕΖΟΥΕΙΤΕ	ΝΕΥΠΟΟΠ	ΝΒΙ ΠΨΑΧΕ	VCS	
καὶ	ὁ Λόγος	ἦν	πρὸς	τὸν Θεόν	WHO
ΚΑΙ	Ο ΛΟΓΟΣ	ΗΝ	ΠΡΟΣ	ΤΟΝ ΘΕΟΝ	TGE
ΑΥΨ	ΠΨΑΧΕ	ΝΕΥΠΟΟΠ	ΝΝΑΖΡΜ	ΠΝΟΥΤΕ	VCS
καὶ	Θεὸς	ἦν	ὁ	Λόγος	WHO
ΚΑΙ	ΘΕΟΣ	ΗΝ	Ο	ΛΟΓΟΣ	TGE
ΑΥΨ	ΝΕΥΝΟΥΤΕ	ΠΕ	ΠΨΑΧΕ		VCS

Legenda: WHO – Westcott; TGE – Texto Grego Egípcio; VCS – Versão Copta Saídica

Se tem alguém que merece ser considerado na busca pela tradução de Jo.1.1 é George Willian Horner, por ter-se dedicado a traduzir e realizar crítica no Novo Testamento Copta. Em sua tradução de Jo.1.1c, Horner trouxe a seguinte leitura: “*e o Verbo era [um] Deus*” e em nota à tradução acrescentou: “*Os colchetes implicam em palavras usadas pelo copta mas não requeridas pelo inglês*” (HORNER, pp.376).

Isso é um pouco diferente do que Landers parece supor em sua análise da leitura copta saídica de Jo.1.1c. É bem verdade que ele afirma que isso não é uma questão de gramática, mas de teologia: “*Os gramáticos do idioma copta estão em acordo quanto ao que a leitura copta diz literalmente. Mas, os pressupostos teológicos de alguns gramáticos não os permite ficar satisfeitos com essa leitura*” (LANDERS, Solomon, [The coptic evidence](#). Material não publicado, 2006, p.1). Mas, será que isso é verdadeiro?

A resposta para essa questão repousa sobre o uso do artigo no idioma copta. Layton Bentley em sua obra *A coptic Grammar with chrestomathu and glossary – Sahidic Dialect*, afirma que o uso do artigo indefinido no dialeto saídico pode ser usado em referência a classe ou a qualidade (p.43). Observe suas colocações:

*“O artigo indefinido é parte do padrão sintático copta. Esse padrão pode ser tanto qualitativo [divino] ou de entidade [um Deus]; o leitor decide que leitura atribuir a isso. O padrão copta não atribui equivalência com o nome próprio Deus; em copta, Deus é sempre, sem exceção, suprido com o artigo definido. **A ocorrência de um substantivo anartro nesse padrão seria muito estranho**”* (Grifo pessoal)

O que Bentley sugere com isso é que, quando a declaração é em referência ao nome próprio de Deus a versão copta usa sempre o artigo definido e jamais deixaria sem artigo, como o grego, o latim e o siríaco poderiam fazer. Willians, sobre isso diz: “*Nós podemos observar como o copta evita substantivos sem artigos. Em consequência disso ou eles adicionam um artigo definido ‘O Deus é o Amor’ (1Jo.4.8) ou o indefinido em Jo.1.1*”. Ou seja, para que o substantivo grego anartro Θεός pudesse ser traduzido, era necessário usar um artigo (cf. Jo.1.33 e 3.6 na tradução de Horner representam usos qualitativos).

Portanto, o uso do artigo indefinido em referência a Deus não é necessariamente uma demonstração de que os tradutores da versão copta saídica tinham em mente [um] deus, pois poderia ter sido entendido qualitativamente, o que alguns teólogos chegam a admitir com uma leitura possível para o texto grego de Jo.1.1 (WALLACE, Daniel, *Greek Grammar Beyond the Basics*. Zondervan, 1996. pp. 269).

Ou seja, o tradutor copta não estava equivalendo o Verbo com Deus (*e o Verbo é O Deus*), mas pode estar pensando qualitativamente (*o Verbo é divino*). O que é fato, segundo Bentley sugere é que a decisão repousa

sobre o leitor. Mas, será que existem evidências para que se descarte a leitura *e o Verbo era um deus* na versão copta saídica?

Tenho a impressão que sim, pois o texto grego tem mais um uso anartro do substantivo Θεός em referência a Cristo. Em Jo.1.18 lemos: “Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακε πώποτε **μονογενῆς Θεός** ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς, ἐκεῖνος ἐξηγήσατο” (Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou - ARA).

O primeiro uso de Θεός é uma clara referência à Pessoa do Deus Pai e é anartro em grego. Entretanto, acompanha o artigo definido em copta: “**ΠΝΟΥΤΕ**”. A expressão “μονογενῆς Θεός” é uma clara declaração em referência a Cristo. No texto grego essa expressão também não traz artigo, nem para “μονογενῆς” nem para “Θεός”, mas a versão copta saídica traz o artigo definido aqui: “**ΠΝΟΥΤΕ ΠΨΗΡΕ**”. Diante disso temos que nos perguntar: *Como um mesmo tradutor diria que o Verbo é um deus em Jo.1.1c e o chamaria de O Deus em Jo.1.18<sup>6</sup>?*

Provavelmente por que Jo.1.1c foi entendido no sentido qualitativo e não literal como Landers supõe. É interessante que essa opinião é bem reconhecida entre os gramáticos do dialeto saídico. Ariel Shisha-Halevy sobre o assunto diz: *“Em copta ounoute pode significar um deus ou aquele que tem natureza divina. Na passagem em referência [Jo.1.1c] a melhor interpretação é qualitativa”*.

Mesmo J.Warren Wells que já foi citado nesse trabalho parece não concordar com a opinião de Landers. Embora já tenha citado que Wells entende que literalmente a tradução de Jo.1.1c é “*e o verbo era um deus*”, ele entende que essa não é a melhor opção de tradução para o texto, exatamente pelo mesmo motivo que já apresentamos: o artigo definido em Jo.1.18. Sobre isso ele diz: *“Para mim o sentido da passagem de Jo.1 é uma descrição do Logos em relação a Deus. À grosso modo, uma leitura poderia ser: O Logos estava no princípio. O Logos estava com Deus, O Logos é como Deus (divino); com ênfase em sua natureza, não em sua pessoa”*.

Ou seja, quando Landers diz que a tradução literal de Jo.1.1c é “*e o verbo era um deus*” ele não está dizendo toda a verdade, e ao suprimir essas informações ele condiciona a conclusão dos seus leitores.

Diante disso, o que temos a dizer sobre o exemplar copta saídico e sua tradução?

- (1) Em primeiro lugar, a versão copta saídica não é a única evidência que dispomos sobre como deve ser lido e interpretado o texto de Jo.1.1c antes do quarto século; Também encontramos versões latinas e sírias nesse período que merecem atenção.
- (2) Em segundo lugar, a tradição dos pais da igreja do segundo ao quarto século não ousa supor que a leitura correta teria o acréscimo do artigo indefinido, ou que o texto é uma evidência de que João estava falando em dois deuses. Vale dizer que nem mesmo os hereges conhecidos desse período ousaram traduzir ou interpretar o texto assim, mesmo quando era conveniente para suas heresias.
- (3) Em terceiro lugar, a tradução da versão copta saídica não foi devidamente apresentada pelos defensores da TNM. É bem possível que ela tenha outro sentido, e não defenda a leitura da TNM.
- (4) Em quarto lugar, muito embora zelosa seja a iniciativa de buscar uma versão antiga para respaldar uma tradução, ela é sem valor, pois a questão mais importante não é como o texto foi traduzido ou interpretado em outros idiomas, mas como ele deve ser traduzido a partir do texto grego.

---

<sup>6</sup> Landers afirma que a pergunta citada é lógica, mas faz parte da lógica invertida. Para ele, uma vez que a opção *um deus* é a correta ele entende que o artigo definido de Jo.1.18 é uma referência àquele que é um deus. Entretanto, sua opinião não faz o menor sentido, pois não corresponde ao que a versão copta está a afirmar em Jo.1.18. A verdade é que o artigo indefinido pode ser entendido qualitativamente, enquanto o artigo definido tem sido entendido apenas como tal. Ou seja, para que Landers esteja certo é necessário realizar um adendo à gramática copta, sugerindo que o artigo definido pode ser lido como indefinido. O que não faz o menor sentido, pois em um idioma onde ambos os artigos são disponíveis, se o tradutor quisesse usar um artigo indefinido em Jo.1.18 ele o teria usado.

- (5) Em quinto lugar, se a tradução copta saídica fosse, sem sombras de dúvidas, “*e o verbo era um deus*” ainda teríamos o testemunho dos Pais da Igreja apontando para outra direção, o que faria dessa evidência uma voz solitária na multidão.
- (6) Em sexto lugar, ainda que a tradução copta saídica fosse, sem sombras de dúvidas, “*e o verbo era um deus*”, teríamos evidências suficientes para demonstrar que tal leitura estava localizada em um período específico, em um região específica, e falaria mais sobre a situação do cristianismo nessa região do que sobre a forma como deveria ter sido traduzido o texto.

Portanto, é seguro afirmar que as investidas dos defensores da TNM sobre esse documento não defende as idéias que pretendem para o texto. É uma opinião erigida na omissão de informações e é bem provável que seja equivocada em todas as suas premissas e conclusões (antiguidade, tradução).